

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de História



RHENAN PEREIRA SANTOS

**O PROCESSO DE CODIFICAÇÃO ÉTICA DA CAVALARIA E AS DIVERGÊNCIAS
DE SUAS REPRESENTAÇÕES FRENTE AOS TORNEIOS – SÉC. XII E XIII**

PORTO ALEGRE

2013

Rhenan Pereira Santos

**O PROCESSO DE CODIFICAÇÃO ÉTICA DA CAVALARIA E AS DIVERGÊNCIAS
DE SUAS REPRESENTAÇÕES FRENTE AOS TORNEIOS – SÉC. XII E XIII**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em História pelo curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Orientador: Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira

PORTO ALEGRE
2013

Rhenan Pereira Santos

O PROCESSO DE CODIFICAÇÃO ÉTICA DA CAVALARIA E AS DIVERGÊNCIAS DE
SUAS REPRESENTAÇÕES FRENTE AOS TORNEIOS – SÉC. XII E XIII

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em História pelo curso de
História da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – UFRGS.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira (orientador)

Profa. Dra. Cybele Crossetti de Almeida

Prof. Dr. Nilton Mullet Pereira

Resguardemo-nos de retirar de nossa ciência sua parte de poesia. Resguardemo-nos sobretudo, já surpreendi essa sensação em alguns, de enrubescer por isso.

Seria uma espantosa tolice acreditar que, por exercer sobre a sensibilidade um apelo tão poderoso, ela devesse ser menos capaz de satisfazer também nossa inteligência. (Marc Bloch).

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Eliete e Volnei, pelo indispensável apoio e estímulo em todos esses anos de minha formação, material e emocionalmente. Por terem removido qualquer noção de limite para até onde eu poderia caminhar, me oferecendo o infinito como única possibilidade de futuro. E, impossível esquecer, sobretudo para esse trabalho, por acreditarem em mim quando decidi abandonar o curso de Direito para buscar a minha paixão pela História.

Aos meus irmãos, Carol e Yuri, por serem os maiores responsáveis por quem sou hoje, pelo amor incondicional que sempre recebi e, especialmente, por permitirem que eu me construísse a partir desse sentimento tão poderoso que é o de buscar ser um “irmão mais velho” à altura que vocês sempre mereceram.

Ao professor Igor Teixeira, pela paciência como orientador desse trabalho, que se construiu no seu fazer, pelo esforço em me fornecer condições, oferecer ideias e apontar críticas em todos os momentos que se fez necessário.

Ao professor Nilton Mullet, por ser o grande responsável por despertar em mim o amor pela docência, fazendo com que eu tivesse ainda mais certeza pelas, muitas vezes duras, escolhas que fiz.

Aos indispensáveis amigos que fiz nesses anos de universidade, donos de uma lealdade que jamais tive coragem de duvidar. Aos que me receberam de braços abertos nessa Porto Alegre maluca, quando eu ainda era apenas um rapaz latino-americano vindo do interior. Aos que não arrolarei aqui como uma lista, tão incapaz de descrever meu sentimento de gratidão, e que sabem da importância possuem na minha vida.

Uma última “menção honrosa” aos que possuíram a paciência – que nem sempre acredito ter merecido, mas que sempre serei grato – em longas discussões sobre as ainda mais longas e confusas ideias que acabaram concluindo nesse trabalho. Em especial aos não menos do que bravos Aécio, Carlos, Luisa, Paola, Paulo e Juarez, este último sempre disposto a me lançar ideias por mensagens em plena madrugada e textos de inegável utilidade.

RESUMO

O processo de codificação ética da cavalaria pode ser entendido como a tentativa, sob a influência da Igreja, de imprimir um sentido utilitário nesse grupo, de conter as turbulências que seus conflitos geravam no seio da sociedade feudal. Espécie de formatação de conduta ocorrida a partir do séc. X e que, se destacarmos o ritual de adubamento necessário para o ingresso nesta ordem, tornava esse grupo – já economicamente limitado àqueles que podiam arcar com seus altos custos – cada vez mais fechado. Processo que servia tanto como tentativa de “controle” sobre um determinado grupo, pela Igreja, quanto para a sua legitimação. Os torneios se inserem nesse contexto como uma das mais relevantes práticas da cavalaria, contribuindo diretamente para as suas dinâmicas sociais, mas sob a constante crítica da Igreja. O presente trabalho buscou analisar como dois modelos de cavalaria distintos, a partir desse processo, se confrontam com a prática dos torneios. O primeiro, representado no *De Laude Novae Militiae*, tratado de Bernardo de Claraval (1090 – 1143), que enaltece a cavalaria a partir da vida dos templários. O segundo, no *Libro del Orden de Caballería*, obra escrita por Ramon Llull (1232 – 1315), pensa a cavalaria, sob preceitos cristãos, mas aceitando muitas de suas práticas. No primeiro capítulo, foi analisado como os dois modelos se confrontam com o uso da violência dentro dos torneios, além das mortes ocorridas em sua consequência. No segundo capítulo, como as buscas que motivaram a participação de jovens cavaleiros nesses eventos – por fama e por fortuna – foram compreendidas em cada autor. Tal opção analítica se deve à escolha pela história comparada como referencial metodológico, a partir do conceito de representação em Chartier, onde esta é uma das formas pelas quais os diferentes grupos – nesse caso, nobreza e clero – tentam perpetuar a sua visão de mundo sobre as demais. Foi possível observar, através da crítica e da defesa aos torneios nas fontes, como o processo de codificação ética da cavalaria foi dinâmico, até mesmo divergente em si mesmo, ora buscando combater os excessos da cavalaria, cristianizando suas práticas, ora legitimando o seu papel dentro da sociedade, enaltecendo valores tipicamente nobiliárquicos.

Palavras-chave: cavalaria, torneios, processo de codificação ética da cavalaria.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 1. O TORNEIO E SEUS LUGARES..... | 14 |
| 1.1. LUGARES ONDE LUTAR..... | 15 |
| 1.2. LUGARES ONDE MORRER..... | 24 |
| 2. O TORNEIO E SUAS BUSCAS..... | 29 |
| 2.1. BUSCAS POR GLÓRIA..... | 29 |
| 2.2. BUSCAS POR FORTUNA..... | 36 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 42 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 44 |

INTRODUÇÃO

A cavalaria viveu seu auge entre os séculos X, XI e XII. No contexto de uma sociedade funcional – extremamente militarizada –, onde aqueles que trabalham, que oram e que lutam, devem cumprir suas funções para que os outros tenham as condições necessárias de desempenhar as suas¹, o cavaleiro é “a estrela que mais brilha”.² Não mais restrita ao guerreiro que combate a cavalo – no sentido mais estrito da palavra –, essa cavalaria passa a representar, pouco a pouco, um corpo social detentor de um sentido utilitário definido. Tenta-se imprimir nela, sob a influência da Igreja, uma codificação ética, uma certa formatação de conduta, através de um processo que pretende tanto refrear as turbulências dessa classe, quanto justificar sua posição dentro da sociedade. Além disso, busca-se tornar a guerra uma prática mais humana, mais cristianizada.³ Processo que é, levando em consideração todas as suas particularidades e, sobretudo, a profunda divergência que encontramos nas fontes, essencialmente ambíguo.⁴

Os torneios, por sua vez, são uma das mais marcantes peças do imaginário dessa sociedade. Eles são o caminho mais seguro para se buscar a fama e a fortuna, e são fundamentais na vida militar dessa cavalaria, sendo, de certa forma, um fim em si. Essas competições acabam sendo um importante aspecto da vida dentro da sociedade cavaleiresca e, enquanto tal, permeiam muitas de suas relações.⁵ Podemos observar que ocorre, entre os séculos XII e XIII, uma tentativa por parte da Igreja de coibir essas atividades, esses jogos que envolvem tanta agressividade e morte, por razões tão mundanas quanto a fama e a fortuna. Distrações desviantes, quando estes cavaleiros deveriam estar concentrados na defesa da Terra Santa. Essa crítica está inserida diretamente no processo de codificação ética da cavalaria.⁶

Mesmo chegando a proibir o sepultamento daqueles que morriam de modo tão vil – dentro de seu raciocínio, ao menos –, essa crítica pouco afetou sua prática. Possivelmente uma consistente demonstração de como os torneios eram parte do cotidiano destes cavaleiros, que chegavam a construir suas vidas a partir da sua competição, independente das eventuais

1 DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1994. P. 75.

2 REZENDE FILHO, Cyro de Barros. *Guerra e Guerreiros na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1996. P. 76.

3 IDEM. *Ibidem*. P. 71.

4 MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992. P. 88.

5 FLORI, Jean. *Cavalaria*. IN: LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002. Vol. I, P. 195.

6 PASTOREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 134.

proibições políticas ou religiosas. Seguramente, prova de como os torneios eram um “verdadeiro prazer de classe”.⁷ É possível, então, dizermos que existe uma certa relação de força ocorrendo nesse momento, entre Igreja buscando doutrinar e direcionar a atenção da cavalaria para um objetivo específico e, em outro ponto, uma pequena e média nobreza que busca se legitimar e manter suas práticas. Ao buscar as fontes, nos deparamos com maneiras variadas na forma como estas representam os torneios e o ideal de cavalaria.

A opção por esses textos se deu por diversos motivos. Michel Vovelle chegou a dizer que a literatura é como um “instrumento eletroscópico, vibra e registra prontamente os frêmitos da sensibilidade coletiva”.⁸ O testemunho literário é um rico meio para se desvelar o imaginário, com uma grande profusão de informações que podem ser extraídas de seu seio.⁹ Busquei assim dois registros de uma literatura que está diretamente inserida nesse longo processo de codificação ética e que possuem, objetivamente, a tentativa de delinear um modelo de conduta cavaleiresco, cada um deles com suas de suas particularidades.

A primeira das fontes que será utilizada é o *De Laude Novae Militiae*, tratado de Bernardo de Claraval, em uma edição bilingue, organizada pelos *Monjes Cistercienses de España*. Este texto foi provavelmente escrito entre os anos 1130 e 1136 e, em suas próprias palavras, pretende ter um caráter enaltecedor à Ordem dos Cavaleiros Templários, por pedido de Hugo de Payens, mestre desses cavaleiros, que “deseas que al menos haga blandir mi pluma, e insistes en que os ayudaría no poco, levantando vuestros ánimos, ya que no me es posible hacerlo con las armas”.¹⁰ Exortatório, o tratado descreve com muita riqueza a vida e os costumes desses cavaleiros, dessa nova milícia, em oposição à milícia secular. Sua importância se dá a partir do momento em que Bernardo de Claraval vem glorificar a função militar, com o princípio de um combate honesto, que visasse a retomada do território de Cristo, herança pertencente ao Ocidente. Um enaltecimento da cavalaria que até então ninguém havia feito.¹¹ Sacralização da violência limitada à situações específicas, é preciso frisar, fruto de um “homem de paz na sociedade agressiva do seu tempo”.¹²

Importante lembrar que, muito embora Bernardo de Claraval não tenha sido o fundador da Ordem Cisterciense, deve-se atribuir a ele o seu sucesso. Nascido em 1090,

7 BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982. P. 336.

8 VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1985. P. 64.

9 IDEM. *Ibidem*. P. 63.

10 SAN BERNARDO. *Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templarios*. In: *Obras Completas I*. Edição preparada por Los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1983. P. 497.

11 OLIVEIRA, Nuno Villamariz. *O Ideário de São Bernardo e a sua Influência na Arquitetura Militar Templária*. IN: *Medievalista on line*. IEM - Instituto de Estudos medievais Ano 2, Nº 2, 2006. P. 9.

12 IDEM. *Ibidem*. P. 5.

ingressa em Cister no ano de 1112 para, pouco tempo depois, tocar profundamente a cristandade com a sua palavra, até o momento de sua morte, em 1153. Criticou e instigou a todos os que pareciam desviar o povo cristão de seu caminho. “Contra um papa mal eleito, a favor de um papa que julgava melhor e fez triunfar. (...) contra os que semeavam a heresia no sul da França, contra os cavaleiros que pensavam em outra coisa que não a defesa do Santo Sepulcro”.¹³

A segunda fonte, por sua vez, será o *Libro del Orden de Caballería*, escrito por Ramon Llull, em uma tradução do catalão medieval feita por Ricardo da Costa¹⁴. O autor nasceu entre os anos 1232 e 1235, em Maiorca. Filho de uma família nobre, chegou a ser cavaleiro de Jaime I, o conquistador. Supostamente, teria levado uma vida mundana e luxuosa, chegando mesmo a casar e ter dois filhos. Em um determinado momento, porém, Ramon Llull opta por renunciar à sua vida anterior, dedicando-se a Deus e tornando-se um escritor prolífico de poesia, filosofia, misticismo e teologia. É interessante ressaltar que não existem provas documentais de que Ramon Llull tenha ingressado em alguma ordem religiosa, tendo sido um pensador leigo, ainda que permanecendo próximo aos mendicantes, especialmente os franciscanos e dominicanos. Seus escritos concentravam-se no esforço para a conversão dos infieis, tanto judeus quanto muçulmanos. Em um primeiro momento, através de um discurso que privilegiava o diálogo, mas, com o passar do tempo, tornando-se cada vez mais cruzadístico e pregando o uso da violência. Sua argumentação se dá através de um sistema que não discutia os conceitos isoladamente, mas associando-os aos conceitos limítrofes e ao lugar que ocupavam. Ramon Llull pretendia, assim, unificar todo o pensamento medieval a partir do princípio da verdade de Deus. Ele morre em 1315, no norte da África, apedrejado por muçulmanos.¹⁵

A fonte em questão, o *Libro del Orden de Caballería*, foi escrito por volta de 1275 e “pretende ocupar um espaço vazio na formação dos novos pretendentes a qualquer ordem de cavalaria, tentando dar a estes noviços um caminho que os ilumine numa série de preceitos e valores espirituais, morais e éticos”.¹⁶ A obra, como um todo, possui um forte sentimento de nostalgia por um passado glorioso, já que, no presente, os cristãos – e, por consequência, a cavalaria –, haviam se perdido, cabendo à Igreja trazê-los de volta. Para o autor, isso passava,

13 DUBY, Georges. *São Bernardo e a Arte Cisterciense*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. P. 5-6.

14 LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano. 2000.

15 COSTA, Ricardo da. *Ramon Llull (1235 -1315) e o modelo cavaleiresco ibérico inserido na mentalidade cruzadística*. IN: *A Guerra na Idade Média – Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica*. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998. P. 136-139.

16 IDEM. *Ibidem*. P. 142.

necessariamente, pelo soerguimento da cavalaria dentro da sociedade.¹⁷ Importante salientar que esta fonte, dado o momento em que foi escrita, é o “registro escrito póstumo de um ideal já há muito abandonado, ou poucas vezes seguido na prática”.¹⁸

É possível reconhecer, em cada um destes autores, um certo “modelo” de cavaleiro. Ele é semelhante em muitos aspectos, mas diverso em outros tantos. Mais ascético em um, mais orgulhoso em outro. Como o torneio se relaciona com cada um desses modelos? Como esses cavaleiros simbólicos irão encará-lo? É praticamente certo que de forma diversa. Ramon Llull pensou um ideal de cavalaria que se relaciona com a sociedade – toda ela – de um modo distinto ao pensado por Bernardo de Claraval, situando-se, aí, talvez um dos pontos mais ambíguos desse processo de codificação ética da cavalaria.

Se o aceitarmos na longa duração, pela miríade de concepções diversas adotadas pelos autores que pensaram esse momento, fica difícil atribuímos um caráter único ao seu discurso, aos objetivos que foram impetrados pelos autores que buscaram atribuir um sentido moral à cavalaria. Um processo que foi palco de uma verdadeira disputa entre nobreza e clero, pela definição do representava ser um cavaleiro. Ambíguo na aparência e dinâmico em sua estrutura.

Ao me deparar com o texto de Ramon Llull, chamou-me a atenção essa particularidade. Esse cavaleiro não dedica sua vida exclusivamente para o combate ao sarraceno, para a defesa de Jerusalém. Ele deve proteger as viúvas, os órfãos e os necessitados, mas também ser altivo, organizar festas para comemorar sua investidura entre seus iguais, bater-se em torneios. A “influência da Igreja”¹⁹ não parece estar presente de uma forma tão absoluta na obra de Ramon Llull quanto na de Bernardo de Claraval. Essa é uma sociedade perpassada pela religiosidade, mas, mesmo assim, parece ser possível afirmar que existe algo de “nobre” que sobrepõe algo de “monge”.

Talvez fosse possível utilizar Marc Bloch para responder essa questão, quando este diz que era “importante notar que, na sua passagem dos teóricos ou dos liturgistas da Igreja para as mãos dos divulgadores leigos, a lista das virtudes da cavalaria parece ter sofrido algumas vezes uma diminuição bastante inquietante”.²⁰ Mas é altamente improvável que Bloch

17 IDEM. *Ibidem*. P. 144.

18 IDEM. *A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull*. In: FIDORA, A. e HIGUERA, J. G. (eds.) *Ramon Llull caballero de la fe. Cuadernos de Anuário Filosófico - Série de Pensamiento Español*. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, p. 13-40. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>>. Acesso em 02.09.2013.

19 MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992. P. 88.

20 BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982. P. 352.

considerasse Ramon Llull como um “divulgador leigo”. Seu cavaleiro é virtuoso, honrado e defensor da Santa Igreja, mas leva uma vida bastante distinta daquela que Bernardo de Claraval descreveu para o templário.

Já que o objetivo deste trabalho passa por confrontar duas concepções de cavalaria, representadas tanto no *Libro sobre las glorias de la nueva milicia*, quanto no *Libro de Orden de Caballería*, me pareceu razoável eleger a História Comparada como opção metodológica. Esses textos tem em comum muitas características, buscando fundamentalmente apresentar características ideais para o cavaleiro. Sendo assim, ao posicionarmos ambos os modelos frente a frente, será possível apontar onde eles se aproximam, e onde se afastam, em relação ao lugar dos torneios nessa sociedade.

Ainda que esta metodologia comumente seja utilizada para analisar eventos contíguos espacial e temporalmente, essa de modo algum é a única possibilidade para esse rico referencial. Pelo contrário, “a História Comparada contempla a possibilidade de comparação entre sociedades distanciadas no espaço e no tempo”.²¹ Ainda que incluídos em um processo – sem dúvida dinâmico –, ambos os textos possuem seu distanciamento. É necessário então que se defina, de forma concreta, qual o conjunto de variáveis que serão utilizados a partir dessa perspectiva, todos sendo partes integrantes da problemática central, para que se evite os riscos de uma aplicação limitada a uma forma de “metodologia comparativa”, necessária, mas longe de ser caminho absoluto para a discussão.²²

Sendo assim, optei por organizar esse trabalho em dois capítulos principais, estes estando subdivididos em dois itens, agrupados conforme o seu tema. O primeiro, *O torneio e seus lugares*, discutirá dois aspectos relacionados à prática dos torneios em si. Um deles diz respeito à violência, ao combate, realizado em um contexto de disputa esportiva. O outro, concentrado no modo como as mortes em decorrência desses duelos é encarada, ainda que estas ocorram geralmente em decorrência de acidentes, não como uma parte integrante e fundamental do jogo. Violência e morte, dois pontos que passam diretamente pelo discurso das fontes e por aquilo que ambos os autores pensavam sobre a cavalaria e sobre a forma como esta se relacionava dentro da sociedade. O cavaleiro ideal deveria aproveitar a experiência do torneio para o desenvolvimento de sua perícia, ou a violência era um recurso que, embora necessário, deveria ser evitada até as últimas consequências?

O segundo capítulo, *O torneio e suas buscas*, analisará duas perspectivas um pouco

21 BARROS, José D'Assunção. *História Comparada – Um novo modo de fazer História*. IN: Revista de História Comparada, Vol. 1. Nº 1, Jun/2007. P. 21.

22 IDEM. *Ibidem*. P. 19.

distintas. O que fazia com que esses cavaleiros se enfrentassem nessas competições? O que eles pretendiam? Iniciarei discutindo a busca pela glória e pela fama, junto de todas as consequências que estas traziam aos cavaleiros, passando então pela procura de lucros materiais, de seus prêmios. Ambas temáticas são carregadas de significados simbólicos para a construção do imaginário da cavalaria, aparentemente conflitantes quando apresentadas aos dois autores.

A partir da problemática trazida para essa pesquisa, finalmente, é oportuno trazermos o conceito de representação, conforme desenvolvido por Chartier, sobretudo a partir de dois tipos de relação. Primeiramente, aceitar que a “realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos”²³, a partir das suas posições e interesses, entendendo o mundo como estes pensam ou gostariam que ele fosse. E em segundo lugar, que essas práticas pretendem “fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição”²⁴ Além disso, cabe assinalar que Chartier ressalta que o estudo das lutas de representação têm tanta importância quanto o das lutas econômicas, para tentarmos compreender “os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio”.²⁵

O discurso expressado nas duas fontes, ainda que próximo em muitos pontos, possui sentidos diversos. O modelo de cavaleiro apresentado por Ramon Llull sustenta práticas que eram caras para a sociedade cavaleiresca, especialmente, pela temática desse trabalho, em relação aos torneios. Isso pode se dar tanto pelo momento em que ele escreve, quanto pelo fato dele ter sido, ao que tudo indica, um pensador leigo. Bernardo de Claraval, por sua vez, condena essas atividades, aproximando-se muito da ideia de enfatizar a importância de se cristianizar a cavalaria, de concentrar seus esforços na limitação desses combatentes a uma série de restritivos valores caros a Igreja. Sendo assim, tentarei compreender como essa dinâmica pela representação do ideal cavaleiresco se desenrolou nesses dois momentos, o quanto suas concepções se transformaram, tornaram-se conflitantes. Sobretudo, como o torneio passa pelas fontes, de uma prática condenável, a um ofício da cavalaria.

23 CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988. P.23.

24 IDEM. *loc. cit.*

25 IDEM. *Ibidem*. P. 17.

1. O TORNEIO E SEUS LUGARES

É importante que esse capítulo inicie com uma discussão das dinâmicas envolvidas no torneio, as suas práticas em si, regulamentos, formas de combate. Observando a partir desse ponto, tornam-se mais claras as opções feitas para essa pesquisa, na medida em que podemos perceber que os torneios de cavalaria são, em linhas gerais, reproduções em menor escala – e pode-se questionar, ao analisarmos a bibliografia, em que medida ela é realmente “menor” – dos combates “reais”, daqueles nos quais condes e barões constantemente se ocuparam. A imagem, imortalizada no cinema e na literatura, da justa, com dois cavaleiros investindo um contra o outro em carga, separados por uma cerca de madeira, surgirá apenas mais tarde, em meados do séc. XIV, buscando trazer mais segurança para os competidores.²⁶ Essa maior semelhança para com os duelos judiciais fará, inclusive, que a Igreja se torne mais condescendente com sua prática a partir desse ponto.²⁷

Mas este não é o tipo de combate que está sendo tratado nesse trabalho. O torneio dos séculos XII e XIII é mais caótico, mais intenso e mais real, com um significado, nessa sociedade, aparentemente mais profundo do que nessa “segunda fase”, por assim dizer.²⁸ Justamente por isso, é tão relevante que se pense a forma como as representações de um ideal cavaleiresco, por parte dos dois autores, encaram essa prática.

Partindo dessa premissa, além de trazer brevemente as formas pelas quais se davam essas competições – e parece-me ser importante compreendermos essas dinâmicas, para que se reforce a escolha pelo torneio como ponto de partida para a análise desse trabalho –, o objetivo do capítulo será o de analisar a maneira como os modelos de cavaleiro, tanto de Ramon Llull quanto de Bernardo de Claraval, se relacionam com a violência intrínseca aos torneios, bem como buscar questionar como as mortes que ocorriam em decorrência de sua prática podem ser entendidas em cada um dos autores.

Retomando o que foi mencionado na introdução, buscar compreender até que ponto essa violência pode ser aceita, justificada, e em que medida ela é uma consequência condenável, devendo então ser combatida na teorização do que seria o cavaleiro ideal. Através das divergências encontradas em cada autor, analisando seus diversos pontos de vista, será possível demonstrar como o processo de codificação ética da cavalaria, em todas as suas

26 PASTOREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 135.

27 CARDINI, Franco. *O Guerreiro e o Cavaleiro*. IN: LE GOFF, Jacques (org.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989. P. 69.

28 MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992. P. 73.

dinâmicas e disputas, foi ambíguo.

1.1. LUGARES ONDE LUTAR

Estas competições possuíam um espaço geográfico definido para acontecer, ainda que tivessem um caráter internacional, com competidores vindos de diversos pontos da Europa. Se davam, sobretudo, em regiões da atual França, sendo que “a maior parte dos torneios ocorreu nas antigas 'marcas' ao norte, junto às 'velhas florestas fronteiriças': Vermandois (Gournay e Resson), Champagne (Lagny e Joigny), Normandia (Eu)”.²⁹ Os grupos de cavaleiros que pretendiam participar, vindos de lugares como a Inglaterra e a Península Ibérica, se dirigiam para essa espécie de circuito de torneios. Circuito repleto desses eventos, na medida em que eles aconteciam quase toda a semana, em um local ou em outro.³⁰

Sua divulgação se dava através de arautos que, segundo consta na rica descrição dos torneios presente na biografia de Guilherme Marechal, o faziam com quinze dias de antecedência. Divulgação que aparenta ter sido bastante eficiente em seu alcance. Estes prosperavam com os torneios, não apenas fazendo o importante trabalho de anunciar os eventos – e o sucesso do torneio, em grande medida, dependia dessa atividade – como sendo capazes de reconhecer os brasões e os cavaleiros. com seus rostos ocultos sob o elmo, os enaltecendo através de canções.³¹ A participação desses arautos demonstra a existência de muitos extratos da sociedade que se viam envolvidos nos torneios de cavalaria, além dos próprios competidores e dos nobres que ofereciam a competição às suas custas. Oferta que não se dava sem motivo. Georges Duby mencionará que “no final do século XII, a alta aristocracia não encontrava, no norte do reino da França, trunfo mais forte para resistir ao fortalecimento da magistratura real do que esse: conquistar o apoio da cavalaria oferecendo-lhe sua diversão predileta”.³²

E o motivo pelo qual afirmo que os torneios de cavalaria eram muito mais próximos dos combates reais do que tipicamente tem se utilizado nos dias de hoje para representá-los – através do duelo entre dois cavaleiros, investindo um contra o outro, separados pela liça –, se dá pela forma como os combates se desenvolviam. Os confrontos se davam entre grupos,

29 COSTA, Ricardo da. ZIERER, Adriana. *Os torneios medievais*. IN: Boletín Electrónico de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales (SAEMED), año II, n. 3, Abril/Julio de 2008. Disponível em <<http://www.ricardodacosta.com/artigo/os-torneios-medievais>>.

30 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. P. 128.

31 IDEM. *Ibidem*. P. 129-130.

32 IDEM. *Ibidem*. P. 127.

pelotões que lutavam pelos mesmos brasões, pelas mesmas casas, e que se batiam em um local previamente determinado. Essa unidade “era expressão de uma casa, estreitamente unida pelos elos da comensalidade, reconhecida por seu brado de reunião, que funcionava como um sobrenome patrocínico, e pela insígnia pintada no escudo que seus membros portavam, todos eles companheiros habituados a jogar juntos”.³³

Mesmo sendo estes torneios da cavalaria, esses grupos não eram compostos exclusivamente por cavaleiros. Como na guerra, os pelotões eram formados por unidades variadas, que incluíam combatentes a pé, sem que houvesse qualquer tipo de regulamento que limitasse a quantidade de participantes. A equiparação de forças não era necessária, embora eventualmente acontecesse, e geralmente vencia aquele que possuísse a melhor equipe.³⁴

Os objetivos eram, como na guerra, derrotar o líder do grupo adversário e, sobretudo, capturar alguns oponentes, conquistando o seu prêmio na forma dos arreios e demais equipamentos, do cavalo e do resgate desse inimigo derrotado, em troca da sua liberdade.³⁵ Não havia um marco para o início dos confrontos, bastando que para tal uma das equipes se sentisse pronta e investisse contra o adversário.³⁶ A tendência era que a situação se torna-se, após o seu início, bastante caótica, com muitos dos pelotões se desfazendo e o combate passando a ficar um pouco confuso, onde cada cavaleiro acabava se ocupando de seus negócios e colocando em ação a sua estratégia pessoal.³⁷

O terreno escolhido como campo de batalha, por sua vez, costumava ser uma vasta extensão descampada, sem limites muito precisos, mas com diversas dificuldades que tornassem a partida mais interessante para os combatentes e para o público. Acidentes naturais, bosques, antigas fortificações abandonadas, todos eram incorporados à competição e podiam ser utilizados para armar emboscadas ou se defender de algum ataque. Mesmo uma aldeia poderia ser desocupada, se convertendo então em uma espécie de castelo improvisado, que poderia ser utilizado como posto defensivo, enquanto os adversários se esforçavam em conseguir penetrar nas suas defesas.³⁸

Esses fatores nos levam a crer que os torneios fossem mais do que apenas competições esportivas, mas sim verdadeiras reproduções, relativamente regulamentadas, da guerra. Não é

33 IDEM. *Ibidem*. P. 131.

34 COSTA, Ricardo da. ZIERER, Adriana. *Os torneios medievais*. IN: Boletín Electrónico de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales (SAEMED), año II, n. 3, Abril/Julio de 2008. Disponível em <<http://www.ricardodacosta.com/artigo/os-torneios-medievais>>.

35 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. P. 139.

36 IDEM. *Ibidem*. P. 137.

37 BARTHELÉMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. P. 421.

38 DUBY, Georges. *Op. Cit.* P. 135-136.

sem motivo que Marc Bloch dirá que eles eram “um verdadeiro prazer de classe (...) de tal ordem que os meios nobres não conheceram nunca outro tão intenso”.³⁹

Analisemos, a partir de agora, a forma como as fontes trabalham o uso da violência por parte da cavalaria, a forma como se dão as suas justificativas, para que seja possível vislumbrar assim o papel que os torneios poderiam desempenhar a partir dessas duas perspectivas de cavalaria, de que modo a defesa, ou crítica, da violência praticada nos torneios, refletia-se na praticada cotidianamente. Em que medida buscavam legitimar ou restringir o papel da cavalaria como grupo que exerce a violência dentro da sociedade.

“As distrações nobres por excelência tinham a marca do espírito guerreiro”.⁴⁰ As armas e o combate são definidores de sua própria essência para a pequena e média nobreza, já que existe um “alto grau de militarização que atingira a sociedade dos séculos X e XII, a ponto de todas as funções públicas normais serem confundidas como de natureza militar”.⁴¹ Essa natureza acaba por permear todo o cotidiano da nobreza, sendo demonstrativo disso a sua predileção pelo torneio, assim como pela caça e outras atividades que são tipicamente violentas. A cavalaria percorria a Europa em busca da aventura e da batalha, fazia dessa busca o seu modo de vida. Ao menos até a ocasião do casamento, quando o cavaleiro deveria fixar moradia e, de certo modo, momento em que sua existência como membro de uma classe se esgotava.⁴² Sob o comando de um senhor, grupos de cavaleiros eram utilizados para intimidar camponeses e senhores rivais. Uma verdadeira corporação de guerreiros, que acabara sendo a grande responsável pelo sentimento de turbulência desse período.⁴³

O sentido dado à violência da cavalaria para Ramon Llull precisa ser levado em consideração. Ela é necessária, e em um escopo maior do que encontraremos em outros autores, como será apresentado posteriormente na obra de Bernardo de Claraval, onde a Cruzada parece ser a única justificativa digna para o uso da força. Isso já demonstra como o modelo de cavaleiro representado no texto de Ramon Llull tem um caráter legitimador para o papel da cavalaria dentro da sociedade. Além do combate ao infiel, a função social de mantenedor da ordem e defensor dos outros dois estamentos da sociedade está bem definida no *Libro del Orden de Caballería*. Chama a atenção a forma explícita para a conduta do cavaleiro que se depara com “traidores, ladrões e salteadores”. Existe pouco do sentido

39 BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982. P. 336.

40 IDEM. *Ibidem*. P. 335.

41 REZENDE FILHO, Cyro de Barros. *Guerra e Guerreiros na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1996. P. 58.

42 CARDINI, Franco. *O Guerreiro e o Cavaleiro*. IN: LE GOFF, Jacques (org.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989. P. 68.

43 DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. P. 18.

tipicamente cristão da piedade e do perdão nessas linhas. Podemos observar que essa punição se estende também para o cavaleiro que comete atos que possam equipará-los a estes foras-da-lei:

Traidores, ladrões, salteadores devem estar sob o encalço dos cavaleiros, porque assim como o machado é feito para destruir as árvores, assim cavaleiro tem seu ofício para destruir os maus homens. [...] E como não é coisa lícita que nenhum homem mate a si mesmo, por isso cavaleiro que seja ladrão, traidor e salteador deve ser destruído e morto por outro cavaleiro.⁴⁴

Os torneios são, então, um autêntico espetáculo que demonstra essa violência característica de todo um grupo social, um espetáculo onde esse sentimento está muito presente. Ramon Llull não se esqueceu da Ira quando arrolava a forma como os sete pecados capitais eram contrários ao ofício da cavalaria. “Ira é turvamento no coração, de relembrar e entender e querer; e pelo turvamento, a lembrança se converte em esquecimento, e o entendimento em ignorância, e o querer em irritação”.⁴⁵ Contraposta à Ira, a Prudência é uma das virtudes que o bom cavaleiro luliano deve preservar, fonte de seu conhecimento do bem e do mal. Em batalha ela é preciosa, evitando, através da cautela, os danos para o corpo e para o espírito. “Como os cavaleiros são para encalçar e destruir os males, e porque nenhum homem se mete em tantos perigos como os cavaleiros, qual a coisa é mais necessária ao cavaleiro que a prudência?”⁴⁶ O controle da Ira pela Prudência também era para o autor militarmente estratégico, já que “mais batalhas são vencidas pela maestria e sensatez que pela multidão de gentes ou de guarnições ou de cavaleiros”.⁴⁷

Mas isso não faz com que Ramon Llull desqualifique o torneio. Não, o torneio é, na verdade, parte dos ofícios do cavaleiro. Por intermédio dele, e de outras atividades tipicamente nobiliárquicas, o jovem cavaleiro desenvolve sua perícia e treina para os feitos que deverá fazer para manter a Ordem de Cavalaria. O torneio, na condição de um costume, se vincula com a cavalaria, para Ramon Llull, de um modo que negá-lo corresponderia a negar a própria cavalaria em si. Na obra, essas práticas estão arroladas com tantas outras que dizem respeito ao seu ofício, como fazer justiça, respeitar o senhor, perseguir os cavaleiros que são maus e que são contrários à Ordem de Cavalaria.⁴⁸

44 LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano. 2000. P. 41.

45 IDEM. *Ibidem*. P. 101.

46 IDEM. *Ibidem*.. P. 93.

47 IDEM. *Ibidem*.. P. 93.

48 Ramon Llull apresenta os ofícios da cavalaria dispostos em 36 tópicos, no segundo capítulo do *Libro del Orden de Caballería*. Lista que ele considera ser resumida. IDEM. *Ibidem*.. P. 23-51.

O cavaleiro deve cavalgar, justar, lançar a távola, andar com armas, torneios, fazer tavolas redondas, esgrimir, caçar cervos, ursos, javalis, leões, e as outras coisas semelhantes a estas que são ofício de cavaleiro; pois por todas essas coisas se acostumam os cavaleiros a feitos de armas e a manter a Ordem da Cavalaria. Ora, menosprezar o costume e a usança disso pelo qual o cavaleiro é mais preparado a usar de seu ofício é menosprezar a Ordem de Cavalaria.⁴⁹

Combates simulados são meios para a prática da habilidade em batalha, e mesmo para a diversão, em quase todos os exércitos. Por esse aspecto, a grande aceitaao dos torneios parece ser algo bastante previsível, dada a alta militarizaao desses grupos.⁵⁰ Um eventual período com escassez de disputas senhoriais e outras situaoes pelas quais a cavalaria pudesse extravasar toda essa sua violência contida também acabavam destacando os torneios, como uma alternativa para esses confrontos com uma certa moderaao, com menores riscos.⁵¹

Dominique Barthelémy questiona se teria sido tão ruim assim manter essa cavalaria em forma e pronta para a batalha, mesmo para a Cruzada, considerando ser importante levar em consideraao o papel dos torneios como local de prática. “É tão ruim, tendo em vista as cruzadas, por exemplo, que os Cavaleiros sejam mantidos, ao mesmo tempo, em falta e em forma? O valor de treinamento dos torneios não pode ser negado”.⁵²

Podemos verificar, a partir da citaao assinalada, que este é semelhante ao argumento utilizado por Ramon Llull para justificar a sua prática como um dos ofícios da cavalaria. A violência praticada nos torneios não é trazida isoladamente – o que poderia fazer com que o autor incorresse na sua crítica –, mas sim em um contexto bastante específico, onde ela é uma das atividades que preparam o cavaleiro para seus demais ofícios, para as funoes que Ramon Llull considera moralmente corretas.

Essa associaao do torneio com outras funoes sociais ocorre desde o início da sua obra, assim como a evidenciaao do papel bélico do cavaleiro. O torneio é apresentado ao lado da guerra, como se equivalente a ela. No seu Prólogo, Ramon Llull nos descreve uma pequena história, de um jovem escudeiro que encontra, pelo acaso, um velho e nobre cavaleiro, em um bosque. O trecho tem a funao de nos expor o propósito do *Libro del Orden de Caballería* em si. Ocorre que, ao apresentar a descriao desse experiente e virtuoso cavaleiro, é apontada a sua participaao em torneios:

49 IDEM. *Ibidem.*. P. 29.

50 BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edioes 70, 1982. P. 336.

51 BARTHELÉMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia antiga a França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. P. 407.

52 IDEM. *Ibidem.*. P. 409.

Em uma terra aconteceu que um sábio cavaleiro que longamente havia mantido a Ordem de Cavalaria na nobreza e na força de sua alta coragem, e a quem a sabedoria e a ventura haviam mantido na honra da Cavalaria, em guerras e em torneios, em assaltos e em batalhas, elegeu a vida ermitã quando viu que seus dias eram breves e a natureza o impedia, pela velhice, de usar as armas.⁵³

Ao final dessa passagem é possível notar não apenas que a função militar que este cavaleiro desempenhava era um fator determinante para as suas virtudes, como, a partir do momento em que ele se tornou incapaz de exercê-la, preferiu levar uma vida contemplativa, no isolamento. Lembremos que o mundo do século X fora duro e perigoso, fazendo com que sobreviver fosse uma preocupação e um objetivo constante. Vikings, magiares e sarracenos fustigavam a Europa, enquanto as lutas contínuas entre grandes senhores feudais, acompanhados de seus soldados e cavaleiros – período conhecido como “anarquia feudal” – fortaleceram os limites, no âmbito das funções sociais, entre aqueles que possuíam o privilégio de portar armas ou não – *milites e rustici*.⁵⁴

O sentido para a vida dos nobres estava então, a partir desse momento, associado com o uso da força, expressamente. Era através dela que essa categoria social acabava por constituir a classe dirigente, mesmo que o clero recebesse um valor teoricamente maior. Pela força, a imagem que faziam de si mesmo os tornavam “dignos de reis”⁵⁵, não aceitando de modo algum a imposição de qualquer valor ou serviço que não aqueles já escolhidos. Para essa nobreza, importava fundamentalmente combater, “e o principal fim da sua riqueza era adquirir os melhores meios de combate, através do treino físico, ao qual dedicavam muito tempo, e de outros investimentos de que só esperavam um lucro – maior força militar”.⁵⁶

Bernardo de Claraval também justifica o uso da violência em seus escritos, mas em um escopo mais limitado, o da “luta boa”. “Si lá causa de tu lucha es buena, no puede ser mala su victoria en la batalla; pero tampoco puede considerarse como un éxito su resultado final cuando su motivo no es recto ni justa su intención”.⁵⁷ A causa da luta, o objetivo pelo qual se pretende combater, está mais relacionado com a sua legitimidade do que a condição de quem luta em si, como aparece em Ramon Llull. E não parece haver causa mais legítima para

53 LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano. 2000. P. 3.

54 CARDINI, Franco. *O Guerreiro e o Cavaleiro*. IN: LE GOFF, Jacques (org.). *O Homem Medieval*. Lisboa: Presença, 1989. P. 57-59.

55 DUBY, Georges. *Guerreiros e Camponeses*. Lisboa: Editorial Estampa, 1993. P. 183.

56 IDEM. *Loc. cit.*

57 SAN BERNARDO. *Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templarios*. In: *Obras Completas I*. Edição preparada por Los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1983. P. 501.

que se lute do que a defesa da Terra Santa. Nesse sentido, seu texto parece estar muito mais concentrado em limitar a atuação da cavalaria, restringir seu escopo, cristianizá-la, do que Ramon Llull, que enaltece constantemente valores tipicamente nobiliárquicos.

A Cruzada foi um movimento importante na mentalidade do homem medieval. Pela primeira vez, a Igreja oferecia a todos os seus fiéis um caminho para o alcance da graça religiosa, com a condição de que partissem rumo ao Oriente para dar combate aos inimigos da Cristandade. Um objetivo que, para a cavalaria, servia tanto pelo seu alcance puramente religioso, quanto como forma de justificar o seu lugar nessa sociedade.⁵⁸ Neste espaço, Bernardo de Claraval enxerga a violência sendo exercida dentro dos preceitos que ele defende para a sua cavalaria:

En los mismos lugares donde él dispersó con brazo robusto a los jefes que dominan en las tinieblas, aspira esta milicia a exterminar ahora a los hijos de la infidelidad en sus satélites actuales, para dispersarlos con la violencia de su arrojo y liberar también a su pueblo, suscitándonos una fuerza de salvación en la casa de David su siervo.⁵⁹

A peregrinação rumo à Terra Santa servia como forma de expiação dos pecados cometidos, ocupando um lugar tão importante quanto a confissão no processo penitencial.⁶⁰ A Cruzada se converte em um catalisador chave, na medida em que a peregrinação e a defesa dos locais santos se tornavam uma penitência comum para os nobres que violavam a paz que a Igreja tanto se esforçava em construir nesse período.⁶¹ É notável que a forma pela qual o cruzado buscava o perdão se adequasse tanto ao espírito guerreiro da cavalaria. “Por seu combate contra os inimigos da fé, pelo rigor das penitências que ele se impunha, o cruzado ganhava o céu, por assim dizer, com a força dos punhos”.⁶²

Esse movimento causa o surgimento da noção de guerra santa, sendo esta uma das aplicações da noção de guerra justa para todos aqueles que combatiam “os adversários da fé cristã, da Igreja e do papado”.⁶³ A Cruzada destaca o papel do combatente dentro da ideia de um mundo organizado por Deus em três ordens. Ela é um caminho para a salvação, para o resgate de sua alma, sem que para tal o cavaleiro precise abandonar a sua condição

58 VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII e XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. P. 91.

59 SAN BERNARDO. *Op. Cit.* P. 497-499.

60 VAUCHEZ, André. *Ibid.* P. 91-92.

61 MORRISON, Cécile. *Cruzadas*. Porto Alegre: L&PM. 2009. P. 13.

62 VAUCHEZ, André. *Op. Cit.* P. 93.

63 DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. P. 21.

propriamente existencial, do uso da força e da violência. Um caminho propriamente cavaleiresco e uma evolução dos movimentos da paz e da trégua de Deus.⁶⁴

É preciso mencionar que a Península Ibérica também era capaz de concentrar em si mesma os três princípios que a Terra Santa carregava como caminho correto para o esforço da cavalaria: o de paz, através da luta no exterior da Cristandade; o de Guerra Santa, levando a Igreja até terras anteriormente cristãs; e o de peregrinação, sobretudo em relação a Santiago de Compostela.⁶⁵ Após o Concílio de Clermont, o papa Urbano II chegará mesmo a equiparar a Cruzada oriental com a Reconquista espanhola, o que será reafirmado pelo Concílio de Latrão, em 1123.⁶⁶

A *nueva milicia* de Bernardo de Claraval se destaca por sua capacidade de combater em duas frentes, uma física e outra espiritual. É a partir desse autor, ao descrever a ordem comandada por Hugo de Payens, que surgirá o conceito para esse combatente austero e pio, o de monge-guerreiro⁶⁷:

Jamás se conoció otra igual, porque lucha sin descanso combatiendo a la vez en un doble frente: contra los hombres de carne y hueso, y contra las fuerzas espirituales del mal. Enfrentarse sólo con las armas a un enemigo poderoso, a mí no me parece tan original ni admirable. Tampoco tiene nada extraordinario – aunque no deja de ser laudable – presentar batalla al mal y al diablo con la firmeza de la fe; así vemos por todo el mundo a muchos monjes que lo hacen por este medio. Pero que una misma persona se ciña la espada, valiente, y sobresalga por la nobleza de su lucha espiritual, esto sí que es para admirarlo como algo totalmente insólito.⁶⁸

Essa nova cavalaria que Bernardo de Claraval apresentava se via concretizada com o surgimento das ordens militares, última etapa desse processo de sacralização. Ela é o seu âmbito institucional e espiritual.⁶⁹ A sua vida é equivalente à dos monges e dos cônegos seculares – talvez um tanto quanto menos rigorosa, já que precisava se adaptar às práticas militares –, e seu inimigo está bem delimitado. É difícil imaginarmos a possibilidade do torneio ser um caminho viável para a prática, para o treinamento, na medida em que este

64 IDEM. *Ibidem.* P. 23.

65 FRANCO JUNIOR, Hilário. *Peregrinos, Monges e Guerreiros – Feudo-Clericalismo e Religiosidade em Castela Medieval*. São Paulo: Hucitec, 1990. P. 161.

66 IDEM. *Ibidem.* P. 170.

67 SILVA, Ademir Luiz da. *O ideal cavaleiresco de São Bernardo em A Demanda do Santo Graal*. IN: *Mirabilia – Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval*. Nº 13, 2011. Disponível em <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/ejemplar?codigo=327507>>. P. 28.

68 SAN BERNARDO. *Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templarios*. In: *Obras Completas I*. Edição preparada por Los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1983. P. 499.

69 DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. P. 24.

modelo de cavaleiro vive sua vida baseada na *discretio*, evitando realizar demonstrações de sua força física e resistência ao esforço, à fadiga.⁷⁰ Em encontro a isso, Bernardo de Claraval enaltece a aversão por qualquer forma de diversão por parte dos templários, muitas delas formas de entretenimento comum ao término dos torneios⁷¹:

Están desterrados el juego de ajedrez o el de los dados. Detestan la caza y tampoco se entretienen – como en otras partes – con la captura de aves al vuelo. Desechan y abominan a bufones, magos y juglares, canciones picarescas y espectáculos de pasatiempo por considerarlos estúpidos y falsas locuras.⁷²

Bernardo de Claraval chega a refletir sobre como seria melhor definir esses cavaleiros que surgiam no Oriente, se como monges, dado o modo de vida austero e religioso que levam, se soldados, dada sua função maior em dar combate ao inimigo infiel, física e espiritualmente. Sua conclusão é de que são as duas coisas, já que sabem associar a mansidão dos monges com a interpridez dos guerreiros.⁷³

Parece-me então que o modo como Ramon Llull entende o uso da violência pela cavalaria – característica que, conforme foi demonstrado, faz parte da essência desse grupo social – é mais abrangente do que aquele trabalhado por Bernardo de Claraval. O autor catalão, ao definir o lugar do cavaleiro dentro da sociedade, generaliza sua participação como defensor da ordem, através da força. Além disso, ele apresenta os torneios, expressamente, como lugar onde treinar, onde esse combate desenvolve a sua perícia em batalha, tornando-o apto para cumprir as suas funções.

Se aceitarmos o processo de codificação ética da cavalaria como discursivamente ambíguo, onde nobreza e clero, cada um a seu modo, tentam justificar e regulamentar a participação da cavalaria dentro da sociedade, Ramon Llull parece realizar mais concessões aos interesses dessa pequena e média nobreza. Ao pensar na retomada de um passado glorioso, a violência da cavalaria, a partir de seus termos mais amplos, encontra-se justificada.

Bernardo de Claraval, por sua vez, idealiza a cavalaria a partir do modelo do monge-guerreiro inserido em uma ordem militar. Mesmo sendo um pacifista, o autor justifica a violência do cavaleiro, desde que esta esteja concentrada no que ele classifica como luta boa, nesse caso, o combate ao infiel em Jerusalém. O pensamento cruzadístico vai de encontro ao

70 IDEM. *Ibidem.*. P. 158.

71 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. P. 152.

72 SAN BERNARDO. *Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templarios*. In: *Obras Completas I*. Edição preparada por Los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1983. P. 509.

73 IDEM. *Ibidem.*. P. 511.

torneio, já que o segundo dificilmente pode ser incluindo nessa lógica da Guerra Santa. Mesmo o modelo de treinamento que Bernardo de Claraval supõe parte da ideia de uma vida monástica, em reclusão, e não nas arenas dos torneios.

1.2. LUGARES ONDE MORRER

A morte aparece diversas vezes na obra de Bernardo de Claraval. O autor chega mesmo a traçar as situações em que o cavaleiro não deveria temê-la, pois a sua salvação estaria garantida. Além disso, as mortes nos torneios são um ponto de partida para diversas críticas feitas a esses eventos. Jacques de Vitry escreveu, no séc. XIII, uma profunda crítica aos torneios, associando a eles todos os pecados existentes. Ao descrever como os cavaleiros que participavam dessas competições incorriam em falhas morais, ele menciona o fato de que, mergulhados no ódio e na ira, estes ferem seus adversários e, muitas vezes, os matam. Quando lembra que a Igreja proibira o sepultamento cristão para aqueles que morriam nesses combates, justificou como o sendo “por causa dos crimes e crueldade que ali são cometidos, pelos homicídios e efusões de sangue”.⁷⁴ Muito da sua aversão partia da brutalidade que ocorreria na ocasião desses torneios, o que compunha a crítica da Igreja como um todo.

É importante pensarmos a respeito do que significava a morte durante a Idade Média e, especialmente, entre os séculos XII e XIII, ainda que muito brevemente. Ela era, fundamentalmente, “domesticada nos corações”⁷⁵ desses homens. A morte era uma realidade palpável, uma realidade que perpassava o seu cotidiano e acabava sendo um importante fator para a regulação de suas condutas. Os guerreiros a desejavam e os clérigos esperavam por ela, entendida então como um rito de passagem para o Além, rito que deveria ser aguardado com serenidade. Enquanto o moribundo aguardava o momento de sua partida, todo um ritual se desenrolava:

Era uma festa, momento máximo do convívio social. Todos deveriam acompanhar a passagem do moribundo para o além, inclusive as crianças. Lágrimas e choro apenas por parte das mulheres: elas deveriam ficar perto do corpo e gritar, rasgar as

74 VITRY, Jacques de. Extrato do sermão 52, *Ad potentes et milites*. Transcrição: Marie-Claire Gasnault, segundo o manuscrito BN Lat. 17509 e 3284 e Cambrai BM 534. In: LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. P. 278-279.

75 COSTA, Ricardo da. *A Morte e as Representações do Além na Doutrina para Crianças (c.1275) de Ramon Llull*. IN: SANTOS, Franklin Santana (org.). *A Arte de Morrer – Visões Plurais – Volume 3*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010. Disponível em <www.ricardodacosta.com/artigo/morte-e-erepresentacoes-do-alem-na-doutrina-para-criancas-c1275-de-ramon-llull>. Consultado em 28.09.2013.

vestes, arrancar os cabelos. Era sua função pública.⁷⁶

Uma passagem para um lugar tão palpável quanto o mundo físico. Não sem motivos, a “preocupação com o pós-morte foi uma constante em suas vidas”.⁷⁷ Ao mesmo tempo em que a morte era profundamente ritualizada, aquela que vinha de forma súbita, inesperada, era atemorizadora, desonrada, algo que se buscava evitar e que mal se ousava falar sobre. Morrer em combate, muitas vezes de forma tão rápida que não restava uma oportunidade para um último pedido de perdão pelos pecados cometidos, para a extrema-unção, era uma perspectiva bastante assustadora.⁷⁸

Passemos então para as formas distintas como a morte está representada nas fontes. A morte aparece na obra de Bernardo de Claraval associada ao combate do infiel na Terra Santa. Justificada unicamente nesse contexto, demonstrando como esse autor pretende com a sua argumentação limitar a violência da cavalaria, a partir desse processo de codificação ética. Chama a atenção o destaque dado para aqueles que caem em batalha, em relação aos demais, já que o a glória associada à guerra é maior. “Siempre tiene su valor delante del Señor la muerte de sus santos, tanto si mueren en el lecho como en el campo de batalla. Pero morir en la guerra vale mucho más, porque también es mayor la gloria que implica”.⁷⁹

Não qualquer guerra, por certo, mas aquelas que são enfrentadas em nome de Cristo e, por consequência disso, das causas da Igreja. Nessas circunstâncias, o cavaleiro não incorria em pecado quando se colocava em perigo, ou mesmo quando tirava a vida de seu inimigo. Nesses casos, Bernardo de Claraval parece “tranquilizar” o cavaleiro que se colocava em risco e que estava, assim, sujeito à este tipo de inesperada – e temida – fatalidade:

Mas los soldados de Cristo combaten confiados en las batallas del Señor, sin temor alguno a pecar por ponerse en peligro de muerte y por matar al enemigo. Para ellos, morir o matar por Cristo no implica criminalidad alguna y reporta una gran gloria. Además, consiguen dos cosas: muriendo sirven a Cristo, y matando, Cristo mismo se les entrega como premio. El acepta gustosamente aún se da como consuelo al soldado que muere por su causa. Es decir, el soldado de Cristo mata con seguridad que conciencia y muere con mayor seguridad aún. Si sucumbe, él sale ganador; y si vence, Cristo.⁸⁰

76 IDEM. *Ibidem*.

77 IDEM. *Ibidem*.

78 BARREIRA JUNIOR, Edilson Baltazar. *Imagens da desolação: a morte na Idade Média e sua personificação no filme O Sétimo Selo de Ingmar Bergman*. IN: História, imagem e narrativas. Nº 15, outubro/2012. P. 34.

79 SAN BERNARDO. *Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templarios*. In: Obras Completas I. Edição preparada por Los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1983. P. 499.

80 IDEM. *Ibidem*. P. 503.

O Papa Urbano II não prometia o perdão para, além daqueles que voltassem com vida, também a todos os que morrecem em trânsito ou em combate na Cruzada?⁸¹ A morte que fosse fruto do sacrifício pela causa cristã estava, então, assegurando a salvação para esses combatentes. Não podemos dizer o mesmo para às que fossem fruto de outras razões, sobretudo algumas tão mundanas quanto as decorrentes da participação de torneios. E se vimos que estes jogos eram, em muitos aspectos, reproduções da guerra, é de se supor que não fossem atividades que trouxessem muita segurança para os seus competidores.

É importante que nos perguntemos quais eram os reais riscos ao participar de um torneio. A bibliografia não parece encontrar consenso nesse ponto, ao menos não totalmente. Michel Pastoreau menciona que o uso de armas menos letais, com gumes rombudos ou mesmo que substituíssem o metal pela madeira, surgirão apenas a partir da segunda metade do séc. XIII, o que implica que, originalmente, seus armamentos em nada se diferenciavam dos utilizados em combates “verdadeiros” até essa data.⁸² Duby, embora considere esses jogos como sendo muito “alegres”, não nega que fossem brutais e que os acidentes acabassem sendo bastante comuns, e mesmo fatais.⁸³ Para Rezende Filho, não apenas estes combates eram mortais como também se tornavam oportunidades para que antigos adversários resolvessem querelas sem que, para isso, precisassem necessariamente iniciar uma guerra aberta, sendo esse mais um fator para que o autor justifique a sua comparação entre os torneios e a guerra típica. Uma alternativa à guerra, menos dispendiosa politicamente, mas não menos arriscada fisicamente.⁸⁴

Esta seria, em essência, a justificativa utilizada pela Igreja para a proibição de sua prática e, inclusive, para negar o sepultamento dos combatentes mortos em torneios em solo consagrado.⁸⁵ A taxa de mortalidade dos torneios, independente de incorrer de acidentes ou por ser, eventualmente, fruto de intenção expressa, ainda que disfarçada, foi um dos balizadores para o combate da Igreja à sua prática. Marc Bloch menciona que não apenas o clero repudiava tal exposição ao perigo, mas também muitos senhores, dizendo que “os soberanos mais prudentes não favoreciam estas lutas onde se esgotava o sangue dos

81 MORRISON, Cécile. *Cruzadas*. Porto Alegre: L&PM. 2009. P. 112.

82 PASTOREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 136.

83 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. P. 149.

84 REZENDE FILHO, Cyro de Barros. *Guerra e Guerreiros na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1996. P. 78.

85 COSTA, Ricardo da. ZIERER, Adriana. *Os torneios medievais*. IN: Boletín Electrónico de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales (SAEMED), año II, n. 3, Abril/Julio de 2008. Disponível em <<http://www.ricardodacosta.com/artigo/os-torneios-medievais>>.

vassalos”.⁸⁶

Pelo mesmo motivo, Henrique II Plantageneta proibiu a prática dos torneios dentro da Inglaterra, fazendo com que os cavaleiros que quisessem buscar essa forma de divertimento precisassem atravessar o Canal da Mancha.⁸⁷ A partir desse caso, pode-se apontar que os “riscos dos torneios” – reais ou não – estivessem impressos não apenas na mentalidade do clero, mas também na da nobreza, ou ao menos em parte dela, em alguns casos.

Dominique Barthélemy, por sua vez, não entende do mesmo modo a periculosidade dos torneios, questionando se, de fato, seriam tantos assim os que chegavam a morrer, por intenção ou acidente. Ele não apenas afirma que isso “não é próprio do espírito dos torneios”⁸⁸, como considera que a crítica dos clérigos e monges se dava muito mais por “ vaidade frívola e, sobretudo, ao amor pelo ganho dos Cavaleiros”.⁸⁹ Por sua vez, o autor não exclui a necessidade de que se faça uma investigação mais profunda na documentação, para que se apurem esses dados buscando algo mais conclusivo.

Parece-me, contudo, que importa menos nos preocuparmos com a sua real dimensão do que com o fato de que a mortalidade fazia parte do discurso da Igreja e estava, muito provavelmente, inserida na mentalidade associada aos torneios. Ela está presente e, a partir do que encontramos nas fontes utilizadas, em discordância ao modelo de cavalaria proposto por Bernardo de Claraval.

O pensamento cruzadístico também está presente no trabalho de Ramon Llull, arrolado como um dos ofícios do cavaleiro, como relexo do sacrifício de Cristo. Enquanto os sacerdotes pregam com o uso de “grande caridade”, a cavalaria dissemina a vontade da Igreja com o peso de sua espada:

Ofício de cavaleiro é manter e defender a santa fé católica pela qual Deus, o Pai, enviou seu filho para encarnar na virgem gloriosa Nossa Senhora Santa Maria, e para a fé ser honrada e multiplicada, sofreu neste mundo muitos trabalhos e muitas afrontas e grande morte. Daí que, assim como nosso senhor Deus elegeu os clérigos para manter a Santa Fé com escrituras e com provações necessárias, pregando aquela aos infiéis com tão grande caridade que até a morte foi por eles desejada, assim o Deus da glória elegeu cavaleiros que por força das armas vençam e submetam os infiéis que cada dia pugnam em destruir a Santa Igreja.⁹⁰

86 BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982. P. 337.

87 IDEM. *Loc. cit.*

88 BARTHELÉMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. P. 408.

89 IDEM. *Ibidem*. P. 408.

90 LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano. 2000. P. 23.

Legitimação da morte do infiel e do cavaleiro, quando no seu combate, assim como a partir de Bernardo de Claraval. Entretanto, o torneio encontra-se elencado como um ofício neste mesmo capítulo, ainda que o autor não faça qualquer menção ao estatuto que uma eventual morte ao praticá-lo possa assumir.⁹¹ Ofícios estes que – é preciso mencionar – são “o fim e a intenção pelos quais foi principiada a Ordem de Cavalaria”⁹², sendo o seu não cumprimento uma violação aos seus próprios princípios.⁹³

O fato destes acidentes não aparecerem chama a atenção, podendo indicar ao menos duas possibilidades, que de modo algum se excluem: em primeiro lugar, talvez vá ao encontro do que Barthelémy defende, ao negar que o torneio fosse uma atividade que trouxesse tantos riscos assim. Em segundo lugar, uma demonstração de como o modelo de cavalaria descrito por Ramon Llull era menos rigoroso em relação àquele defendido por Bernardo de Claraval, como seu objetivo se concentrava, também, em legitimar a atuação da cavalaria.

De modo algum isso significa negar o papel deste livro dentro do processo de codificação ética da cavalaria, como ferramenta para conferir valores cristão ao grupo, uma verdadeira tentativa de “entrelaçar a filosofia da Igreja com a prática guerreira das ordens de cavalaria”⁹⁴, mas sim compreender que existem diversos momentos onde podemos enxergar a primazia de um certo imaginário da nobreza por si próprio, ainda que, naturalmente, incrementado com um forte teor cristão. Este parece ser o caso para a possível mortalidade nos torneios.

91 IDEM. *Ibidem*. P. 29.

92 IDEM. *Ibidem*. P. 23.

93 IDEM. *Loc. cit.*

94 COSTA, Ricardo da. *A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull*. In: FIDORA, A. e HIGUERA, J. G. (eds.) *Ramon Llull caballero de la fe. Cuadernos de Anuário Filosófico - Série de Pensamiento Español*. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, p. 13-40. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>>. Acesso em 02.09.2013.

2. O TORNEIO E SUAS BUSCAS

A bibliografia que utilizei até o momento nos indica que possivelmente existiram diversas razões para impulsionar os cavaleiros ao confronto nos torneios. É muito provável que esses guerreiros fossem motivados pelo divertimento, pela função recreativa dessas atividades, da busca pelo exercício, pela prática dos combates quando os mesmos se tornavam escassos ou proibidos. Todos estes são fatores que não podem ser desprezados para que entendamos uma disseminação tão ampla dessas competições dentro das camadas nobres da sociedade.

Mas é preciso levar em consideração a oposição feita pela Igreja à sua continuidade que, como está se demonstrando, foi bastante intensa, ainda que praticamente ineficaz em coibir a sua existência de fato. Sendo assim, é necessário observar que também havia fatores de cunho social envolvidos nas conquistas obtidas através dos torneios. Existia a possibilidade de se obter ganhos materiais diretos e em um volume expressivo, o que não pode ser desprezado. Além disso, a fama obtida, em si mesma, tinham consequências profundas para os cavaleiros, podendo fazer com que esses homens se destacassem nessas competições, lucrando ainda mais⁹⁵, estendendo seus desdobramentos para a sua vida como um todo.⁹⁶

O objetivo desse capítulo será o de tentar relacionar essas buscas desenvolvidas dentro do espaço dos torneios – por glória e por fortuna –, com os modelos propostos por Bernardo de Claraval e Ramon Llull. De que maneira as divergências desses autores se confrontam com as ambições dos jovens cavaleiros que ingressavam nessas competições? O quanto elas eram legítimas para cada um deles e, talvez mais importante, o quanto sua escrita pode ter influenciado esses costumes?

2.1. BUSCAS POR GLÓRIA

Ainda que isso ocorra ao menos durante uma fase da vida de seus membros – etapa de duração variável, pelas suas especificidades sociais – a aventura é uma característica marcante da cavalaria. Esse erro é, de certa forma, a busca pela demonstração da bravura e da habilidade em combate de cada um desses indivíduos, a tentativa de provar o seu valor como cavaleiro. São oportunidades para que se coloque em teste os atributos relativos à função

95 PASTOREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. P. 135.

96 MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992. P. 73.

guerreira, criadas pela própria sociedade para atender essa ânsia.⁹⁷ Os torneios são uma demonstração bastante ilustrativa desse modo de vida. Neles, o jovem cavaleiro encontrava um lugar onde se destacar perante os seus iguais, através da valentia e da perícia em combate. Além da busca pela fama, os torneios também eram um espaço importante para que o guerreiro bem-sucedido obtivesse recursos para se armar e exercer a largueza típica de sua classe, expressa em fartos gastos com festas e presentes, conservando pouco para si, a não ser eventuais melhorias nos seus armamentos.⁹⁸

A possibilidade de se destacar através dessas competições é tão expressiva que surgirá a figura do *tournoyeur*, cavaleiros especialmente bem-sucedidos nos torneios, ao ponto de transformá-los em sua “profissão”, no modo principal em que levavam a vida e se mantinham.⁹⁹ O trabalho feito por Georges Duby, a respeito da trajetória de Guilherme Marechal, é um rico exemplo de como era possível para um lutador competente buscar sua ascensão social a partir de seguidas vitórias nessas competições, pelos mais variados motivos.¹⁰⁰

É preciso responder uma questão que se mostra imperiosa: quem eram esses “jovens cavaleiros”? A maior parte dos sujeitos que competiam nos torneios era composta por grupos de cavaleiros, como regra, recém-investidos. Esses “moços” – utilizando a expressão de Duby – encontravam-se em um status social intermediário entre o escudeiro e o cavaleiro estabelecido, em um estágio de “transição” de sua vida que só se concluiria com o casamento, e que poderia possuir uma longa duração. A mocidade, dessa forma, não estava associada exclusivamente com a idade de cada cavaleiro, mas sim com uma combinação de fatores que incluía tanto sua faixa etária, quanto sua situação na sociedade militarizada e nas estruturas da família. Ele já não é mais uma criança, mas um homem-feito, que recebeu suas armas e passou pelo ritual de investidura.¹⁰¹

Já no dia seguinte à investidura, unidos pelo fato de terem passado por esse ritual juntos, era comum que estes “moços” acabassem por compor uma companhia (*maisnie*), partindo então para levar durante um tempo uma vida errante, “uma busca da glória e do 'prêmio', através da guerra e, mais ainda, do torneio”.¹⁰² Essas mesnadas serão uma grande fonte das turbulências e instabilidades da sociedade cavaleiresca nesse período.

97 IDEM. *Ibidem*. P. 71.

98 DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. P. 152.

99 BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982. P. 337.

100 IDEM. *Op. cit.*

101 IDEM. *Os “moços” na sociedade aristocrática no noroeste da França no século XII*. IN: *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. P. 95-96.

102 IDEM. *Ibidem*. P. 97.

Preocupados com as glórias de sua casa, era comum que os pais ricos fornecessem condições para que esses jovens fossem capazes de liderar uma dessas companhias durante um ano ou dois. A necessidade de buscar um bom matrimônio fazia com que isso não fosse uma mera extravagância ou demonstração de poder, mas uma importante etapa da vida do cavaleiro. Casamento que, para Ramon Llull, convinha com a honra à Ordem de Cavalaria e, na sua ausência, tornava-se presságio de seu enfraquecimento, de sua destruição. Este autor comenta a importância da proteção do matrimônio em uma passagem inserida nas honras que devem receber os cavaleiros:

Demandar mulher de cavaleiro e incliná-la a maldade não é honra de cavaleiro. Nem mulher de cavaleiro que tem filho de vilão não honra cavaleiro e destrói a antiguidade da linhagem de cavaleiro; e cavaleiro que por desonestidade possui filho de vil fêmea não honra linhagem nem cavalaria. Logo, como isso é assim, então linhagem em dona e em cavaleiro, por virtude do matrimônio, convém à honra da Cavalaria, e o contrário é a destruição de Cavalaria.¹⁰³

Mas, se este era um esforço que seria feito pelo filho primogênito, o mesmo não acontecia com os mais moços, onde a sobrevivência da linhagem não estava necessariamente resguardada.¹⁰⁴ Estes acabavam sendo condenados a uma mocidade mais longa, permanecendo nessa fase intermediária e turbulenta durante muito mais tempo, contando então que o seu líder, ao contrair o matrimônio, assumisse seu dever de casar também seus companheiros. Não parece que houvessem muitas outras opções de se buscar mais poder para esses filhos mais novos, que não a busca de glória e, conseqüentemente, um bom casamento, obtido também graças ao sucesso nos torneios. Para Duby, “durante a sua perambulação, o bando dos moços era animado pela esperança do casamento”.¹⁰⁵ Os torneios se tornavam um caminho para se obter prestígio, uma questão fundamental dentro da lógica dessa sociedade, fazendo com que se convertessem em um “mercado matrimonial importante”.¹⁰⁶ Isso demonstra a influência dessas competições dentro das dinâmicas da sociedade.

Após este primeiro ciclo de vida errante, que podia durar dois ou três anos, o jovem

103LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano. 2000. P. 111.

104O autor faz uma interessante constatação sobre a dinâmica dessas relações sucessórias quando salienta o fato de que a alta mortalidade típica do modo de vida que esses jovens levavam, somada à restrição relativa que os filhos mais moços sofriam para contrair o matrimônio, faziam com que, ao mesmo tempo em que se conservava a herança em uma linha única, aumentasse o risco de desaparecimento da linhagem. DUBY, Georges. *Os “moços” na sociedade aristocrática no noroeste da França no século XII*. IN: *A Sociedade Cavaleiresca*. São Paulo: Martins Fontes, 1989. P. 103.

105DUBY, Georges. *Ibid.* P. 101.

106MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992. P. 73.

retornava para sua casa. É fácil prever que após um período intenso de aventuras, torneios e bastante largueza no gasto de recursos, que o herdeiro se sentisse sufocado por estar novamente sob a tutela de seu pai. Sendo assim, os torneios se convertiam em um meio para que jovens príncipes conseguissem buscar uma parcela de independência, de emancipação, enquanto seus pais ainda eram vivos. Dominique Barthélemy dirá que os torneios, a partir de seus desdobramentos, “permitem a um príncipe jovem, enquanto seu pai é vivo, emancipar-se um pouco”.¹⁰⁷

Isso é observável quando estudamos a vida de Henrique, o jovem, e sua mesnada a partir de Guilherme Marechal. Não sem motivo, Georges Duby sintetizou essa “mocidade” dizendo que era “uma matilha deixada à solta pelas casas nobres a fim de aliviar o excesso de seu poder expansivo e que parte para a conquista da glória, do lucro e de presas femininas”.¹⁰⁸

O modelo de cavaleiro proposto por Bernardo de Claraval, demonstrado através da figura do templário, parece ser pouco compatível com essas dinâmicas sociais, com a forma pela qual um cavaleiro consegue ascender entre seus iguais e romper com a mocidade, através do casamento. É possível até dizer que ele fosse pouco adequado:

No hay entre ellos favoritismos; las deferencias son para el mejor, no para el más noble por su alcurnia. Se anticipan unos a otros en las señales de honor. Todos arrimam el hombro a la carga de los otros y con eso cumplen a ley de Cristo. Ni una palabra insolente, ni una obra inútil, ni una risa inmoderada, ni lá más leve murmuración, ni el ruido más remiso queda sin reprensión en cuanto es descubierto.¹⁰⁹

O cavaleiro templário constrói, dentro de seu grupo, uma tentativa de coesão partindo da ideia de que não existam favoritos entre os membros desse círculo. É possível que, eventualmente, um deles se destaque pela sua destreza e seja considerado melhor que os demais, mas o propósito disto seria o de dar sustentação para que o grupo como um todo seja capaz de fazer valer a lei de Cristo com mais eficiência, não o de obter privilégios sociais. Mesmo quando se destaca, o cavaleiro de Bernardo de Claraval é moderado. Independente do torneio ser um divertimento considerado condenável – e ainda que não o fosse expressamente –, não há, sob essa perspectiva, sentido para que se busque a glória por sucessivas vitórias nos

107BARTHELÉMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. P. 415.

108DUBY, Georges. *Os “moços” na sociedade aristocrática no noroeste da França no século XII*. IN: A Sociedade Cavaleiresca. São Paulo: Martins Fontes, 1989. P. 105.

109SAN BERNARDO. *Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templarios*. In: Obras Completas I. Edição preparada por Los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1983 P. 509.

torneios de cavalaria. Seu anseio, quando mergulhado no furor do combate, é apenas a vitória. A vitória em si, vitória na sua missão de defender a cristandade, jamais por glória pessoal. É, inclusive, mais importante para ele ser temido do que admirado. “Van pensando en el combate, no en el lujo; anhelan la victoria, no la gloria; desean más ser temidos que admirados”.¹¹⁰

Isso está de acordo com a ideia do cruzado fiel ao voto de castidade – assim como ao de obediência e pobreza –, comum à muitas das ordens militares na Idade Média. Uma exceção deve ser feita a Ordem de Santiago, que aceitava a possibilidade de que seus membros fossem casados, inserindo-os no que entendiam por “castidade conjugal”. Mas essa não é a regra e, de fato, o casamento é algo normalmente vedado a esses guerreiros.¹¹¹ Então, na medida em que Bernardo de Claraval enaltece o modelo de cavaleiro representado na figura do templário, a forma pela qual os jovens cavaleiros buscavam alcançar prestígio para, assim, obter casamentos vantajosos, torna-se incompatível com esse ideal. A maneira como o autor insere esse sentido de moderação para a codificação ética da cavalaria impede que se legitime a busca pela glória pelos torneios. Seguindo a metodologia escolhida, é preciso que seja analisada como essa dinâmica social poderia ser inserida dentro do modelo proposto na obra de Ramon Llull.

O Libro del Orden de Caballería foi escrito em um contexto diferente do texto de Bernardo de Claraval. Mesmo que compondesse esse processo de codificação ética da cavalaria, ele parece se esforçar mais em resgatar os valores caros à pequena e média nobreza do que contê-la, regulá-la. Isso se deve em grande medida por esse momento em que o declínio da Cruzada, a partir do séc. XIII, trouxe tanta inquietação, tantas dúvidas para a cavalaria.¹¹² A partir do que foi discutido no primeiro capítulo, tem-se realmente a impressão de que o autor possui um esforço maior para justificar e enaltecer a cavalaria, como grupo dirigente por direito de toda a sociedade. Seu texto está repleto de passagens em que são elogiadas características que Bernardo de Claraval critica na milícia secular, e isso será novamente demonstrado a partir do próximo subtítulo, que tratará das relações entre cavalaria, torneio e luxo.

110IDEM. *Loc. cit.*

111DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002. P. 77.

112COSTA, Ricardo da. *A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull*. In: FIDORA, A. e HIGUERA, J. G. (eds.) *Ramon Llull caballero de la fe. Cuadernos de Anuário Filosófico - Série de Pensamiento Español*. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, p. 13-40. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>>. Acesso em 02.09.2013.

Em alguns momentos no texto, Ramon Llull descreve a simbologia relacionada aos equipamentos do cavaleiro, suas armas e acessório. Esta passagem é um grande exemplo de como a mentalidade cruzadística esta inserida na obra do autor. Neste caso, objetos materiais que, nas mãos do cavaleiro, “se tornam símbolos da cruzada contra o inimigo”.¹¹³ Assim como a espada é “feita à semelhança da cruz, para manter a justiça e a cavalaria”¹¹⁴, o brasão no seu escudo “é dado ao cavaleiro para ser louvado pelas suas façanhas que faz e pelos golpes que dá na batalha”.¹¹⁵ O modelo de cavaleiro de Ramon Llull é mais garboso, mais orgulhoso do que o de Bernardo de Claraval. Mesmo assim, se analisarmos este recorte da prática dos torneios – a busca pela glória –, ele também não parece ser adequado para o que está descrito como o cavaleiro ideal, se esta demanda não estiver associada à humildade. O autor catalão parece buscar um certo equilíbrio entre o orgulho e a humildade.

Em um determinado momento da obra, Ramon Llull descreve o que seria o exame pelo qual o escudeiro precisa ser submetido para poder ser investido na cavalaria. Além dos ritos em si, que abarcam momentos como uma vigília purificadora, até a bofetada que este deve receber para que não se esqueça de seu juramento, também devem ser observados alguns valores morais. O autor menciona então que “se o escudeiro tem vanglória do que faz, não parece que seja bom para cavaleiro, porque vanglória é vício que destrói os méritos e as recompensas dos bons feitos que são dados pela Cavalaria”.¹¹⁶ A humildade não apenas está associada com a justiça, como ela se relaciona com um dos princípios da cavalaria, o de defender os humildes, os fragilizados, dos “orgulhosos injustos”. “Se justiça e humildade fossem contrárias, Cavalaria, que concorda com justiça, seria contra a humildade e concordar-se-ia com orgulho”.¹¹⁷

A soberba também aparece como um instrumento de desunião para a ordem de Cavalaria, coisa que é combatida por Ramon Llull. Para ele, a soberba é o vício da desigualdade, que impede um sujeito de ser equiparado ao outro, de estar ao seu lado como um igual, e faz com que ele seja só, ame apenas a si mesmo. Para vencer o orgulho, o autor recomenda ao cavaleiro “que ajusta em teu coração humildade e fortaleza”.¹¹⁸ Esse ideal de cavaleiro proposto, ao mesmo tempo em que busca vitórias em combate nos torneios, em que

113COSTA, Ricardo da. *Ramon Llull (1235 -1315) e o modelo cavaleiresco ibérico inserido na mentalidade cruzadística*. IN: A Guerra na Idade Média – Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998. P. 148.

114COSTA, Ricardo da. *Ibid.* P. 149.

115LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano. 2000. P. 87.

116IDEM. *Ibidem.* P. 63.

117IDEM. *Ibidem.* P. 49.

118IDEM. *Ibidem.* P. 99.

busca se destacar, deve fazê-lo com humildade, sem soberba. A glória que busca é a glória para a Ordem de Cavalaria, e não apenas para si mesmo.

Ao descrever os significados das armas do cavaleiro, Ramon Llull também menciona o seu elmo. O “chapéu de ferro” foi dado ao cavaleiro para significar a vergonha, o caminho por onde se busca a obediência à Ordem de Cavalaria. Ele diz que, assim como a cabeça é a parte mais importante do corpo do homem, a cavalaria, mais importante ordem depois do clero, deve possuir vergonha para que não se incline a feitos vis e desonre seus princípios, para que a sua coragem não seja levada ao engano e a maldade.¹¹⁹

Sendo o torneio um importante caminho para que o cavaleiro ascendesse socialmente, buscando mesmo algum posto de maior importância dentro da sociedade¹²⁰, é interessante observarmos como Ramon Llull enquadra a sua prática com rigorosos valores morais. Ainda que sejam menos restritivos dos que os descritos por Bernardo de Claraval para o cavaleiro templário, a humildade é reafirmada diversas vezes, tornando-se um conceito legitimador para a definição do cavaleiro. A justiça convém, para o autor, com a humildade, estando ambas relacionadas em uma relação mútua de afirmação de um modelo de cavaleiro que deve se converter em verdadeiro espelho para toda a sociedade.¹²¹ O cavaleiro proposto por Ramon Llull deve se sair vitorioso nos torneios, deve praticar e se tornar perito no combate, para a guerra ou para essas competições, mas precisa também ser capaz de manter-se humilde frente aos demais, de evitar que a soberba afete seus julgamentos.

Mesmo que ambos os autores escrevam a partir de perspectivas bastante distintas, e de que o trabalho de Ramon Llull esteja muito mais de acordo com a ideia de que o processo de codificação ética da cavalaria foi também, eventualmente, utilizado pela nobreza para legitimar seu papel dentro da sociedade, analisar a forma como a humildade aparece em seu escrito demonstra como isso não quer dizer que, nessa disputa entre nobreza e clero, exista um rompimento absoluto entre um e outro. Nem parece ser sensato fazer qualquer afirmação do tipo, para uma sociedade tão permeada pelo religioso. Ramon Llull apresenta um cavaleiro ideal que carrega, em suas características exemplares, muitas daquelas que poderiam ser consideradas tipicamente nobiliárquicas – como, naturalmente, os torneios –, ainda que estas acabem entrando em conflito com a vontade da Igreja. Mesmo assim, a busca pela glória, conforme foi apresentado até agora, parece apontar que muitas vezes o seu discurso podia se

119IDEM. *Ibidem*. P. 79.

120LABARGE, Margaret Wade. *Viajeros Medievales – Los ricos y los insatisfechos*. Madri: Editorial Nerea, 2000. P. 232.

121LLULL, Ramon. *Ibidem*. P. 49.

tornar muito mais paralelo do que oposto ao teorizado pelo clero.

Não parece, porém, que um cavaleiro que, hipoteticamente, viesse a seguir tudo o que está apontado no *Libro del Orden de Caballería*, fosse absolutamente incapaz de utilizar os torneios como propulsão para desenvolver à busca pelo destaque entre os demais cavaleiros e, conseqüentemente, obter assim um bom matrimônio, graças as suas vitórias nesses jogos. O mesmo não ocorreria com o modelo da *Nueva Milicia*, muito mais restritivo, muito mais preocupado em acentuar, para o monge-guerreiro, o destaque a sua parcela de “monge”. Seja como for, a busca pela glória, dentre os quatro pontos que foram eleitos para a análise desse trabalho, parece ser o momento onde as divergências entre esses dois autores se apresenta de forma menos acentuada.

2.2. BUSCAS POR FORTUNA

A cavalaria foi um ofício muito dispendioso para os seus membros. Era necessário que o cavaleiro possuísse rendas em quantidade suficiente para sustentar a si e aos demais aspectos e necessidades que orbitavam em torno de sua vida, de suas práticas. Dessa forma, essa passa a ser uma questão chave para que se possa entender a forma como os torneios se relacionavam com o processo de codificação ética da cavalaria. A partir desse momento, analisarei como o torneio se convertia em um caminho para a busca desses recursos, tentando compreender de que modo as fontes observam essa busca, a partir dos modelos de cavaleiro representados em cada uma.

Ramon Llull, ao apresentar os requisitos para que um escudeiro possa ser investido na cavalaria, apontou a necessidade de que este possua condições econômicas para tanto. Nota-se, nessa passagem, que o autor associa a falta de riqueza ao risco de que, em função desta escassez, o cavaleiro caia frente a diversos vícios:

Cavalaria não pode ser mantida sem o arnês que pertence ao cavaleiro, nem sem os honrados feitos e as grandes despesas que convêm ao ofício da cavalaria. E por isso, escudeiro sem armas e que não possua tanta riqueza que possa manter Cavalaria não deve ser cavaleiro, porque por falta de riqueza falha o arnês, e por enfraquecimento do arnês e despesas, malvado cavaleiro torna-se roubador, traidor, ladrão, mentiroso, falso, e de outros vícios que são contrários à Ordem de Cavalaria.¹²²

Para o autor, então, não apenas era preciso que o aspirante à cavalaria possuísse

¹²²IDEM. *Ibidem*. P. 61.

recursos para se armar quanto, em sua ausência, a Ordem de Cavalaria estaria fragilizada, sob risco. A partir desta perspectiva, parece ser legítimo que se busquem recursos para evitar tais situações, naturalmente, por meios que sejam legítimos. Sendo o torneio um dos ofícios do cavaleiro¹²³, não existem óbices para que essa busca se desenvolva através deles, de suas conquistas. Não pelo que propunha Ramon Llull, ao menos.

É preciso lembrar que os custos para a manutenção de um cavaleiro realmente não eram baixos. Suas rendas deveriam ser suficientes para que se mantivessem vários cavalos de batalha, mais vigorosos e bem treinados que os comuns, além de ser possível adquirir e manter em boas condições armas, armadura e os demais equipamentos necessários, como a sela. O cavaleiro também precisa de auxiliares, como ferreiros, escudeiros e infantes pesados, todos geradores de altos custos¹²⁴, tanto para as suas práticas cotidianas, para os conflitos contra seus inimigos e de seus senhores, como para lutar nos torneios. É possível dizer que, no geral, apenas pessoas que possuíssem uma boa condição econômica seriam capazes de se armarem cavaleiros, tanto por essa necessidade material quanto pelo tempo livre para treinamentos e acesso a instrutores.¹²⁵

O modelo representado em Bernardo de Claraval não parece prescindir de todas essas necessidades. Não que, mesmo para eles, não existam custos elevados para a manutenção da cavalaria, porque dificilmente isso poderia ser muito diferente. Porém, pode-se observar um esforço para que se viva com o mínimo possível, para que se evite o luxo. O modo de vida da *Nueva Milicia* é um dos aspectos que Bernardo de Claraval considera como sendo um modelo a ser seguido por todos os demais cavaleiros, mesmo por aqueles que não lutam exclusivamente por Deus.¹²⁶

Quando es inminente la guerra, se arman en su interior con la fe y en su exterior con acero sin dorado alguno; y armados, no adornados, ingunden el miedo a sus enemigos sin provocar su avaricia. Cuidan mucho de llevar caballos fuertes y ligeros, pero no les preocupa el color de su pelo ni sus ricos aparejos. Van pensando en el combate, no en el lujo.¹²⁷

Nessa passagem, descrevendo a forma como o templário se prepara e se lança ao combate, destaca-se o quão distinta essa forma pode ser daquela pela qual os cavaleiros

123IDEM. *Ibidem*. P. 29.

124REZENDE FILHO, Cyro de Barros. *Guerra e Guerreiros na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1996. P. 76.

125MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992. P. 87.

126SAN BERNARDO. *Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templarios*. In: Obras Completas I. Edição preparada por Los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1983. P. 507.

127IDEM. *Ibidem*. P. 509.

tipicamente buscavam se bater nos torneios. O templário raramente se banha, não cuida de seus cabelos e de sua barba, anda coberto de pó e negro pelo sol que queima a sua pele.¹²⁸

Este guerreiro, endurecido pelos rigores da luta em defesa da Santa Igreja, é muito diferente do pensando por Ramon Llull, que considerava manter o arnês¹²⁹ reluzente como um dos ofícios do cavaleiro, arrolado ao lado de orientações como defender viúvas e proteger a terra de bandidos:

Ter reluzente seu arnês e bem cuidado seu cavalo é ofício de cavaleiro; e se jogar fora suas armas e seu cavalo é ofício de cavaleiro; daí, é ofício de cavaleiro o que é e o que não é. Ora, se isto é assim, que ofício de cavaleiro é e não é, como ser e não ser são contrários, e destruir seu arnês não é Cavalaria, então, qual coisa é Cavalaria sem armas? E por qual razão é nominado cavaleiro?¹³⁰

A beleza de seus equipamentos e vestimentos eram, para o autor catalão, uma forma de honrar a cavalaria em si. O autor chega a dizer que “ao cavaleiro lhe convém belamente falar e belamente vestir e haver belo arnês e ter grande albergue, porque todas estas coisas são necessárias para honrar Cavalaria”.¹³¹ Raciocínio que está de acordo com o que esses nobres buscariam, quando levamos em consideração que esta é uma sociedade onde estar bem-vestido, carregando belos ornamentos, se torna um requisito para que um indivíduo seja respeitado, temido e amado.¹³²

Além disso, a vida na cavalaria era levada com bastante largueza, o que se tornava ainda mais verdadeiro durante os torneios. Dentro do cotidiano das mesnadas, seu chefe gastava com bastante intensidade, para o regozijo de seus companheiros. Georges Duby diz que “a alegria reina nesses bandos. O chefe gasta à larga, ama o luxo, o jogo, os mímicos, os cavalos, os cães. Os costumes são aí muito livres”.¹³³ Dentro dos torneios não seria muito diferente. O seu caráter festivo talvez seja um dos que mais o distingui das guerras, com vencedores e vencidos gastando generosamente o que haviam ganhado durante os jogos com as comemorações que se seguiam ao seu término, com presentes e com o pagamento de resgates. Generosidade que fazia com que todos esses homens, ao fim das competições, fossem “dormir mais pobres do que haviam acordado”.¹³⁴

128IDEM. *Loc. cit.*

129A armadura de um cavaleiro, somada aos seus arreios.

130LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano. 2000. P. 47.

131IDEM. *Ibidem*. P. 107.

132DUBY, Georges. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. P. 29.

133IDEM. *Os “moços” na sociedade aristocrática no noroeste da França no século XII*. IN: A Sociedade Cavaleiresca. São Paulo: Martins Fontes, 1989. P. 98.

134IDEM. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. P. 152.

Os torneios eram, então, eventos onde a largueza podia ser exercida, onde o luxo era demonstrado, além de um importante caminho para a busca de recursos. Todas essas dinâmicas de conquistas, perdas e trocas faziam com que o jovem cavaleiro obtivesse uma oportunidade de se armar mais corretamente, de se preparar para seus próximos enfrentamentos e, além disso, de também exercer sua generosidade. Além do soldo recebido, buscavam sua parte no saque total do grupo, ao fim do dia. Desde o início dos combates, já vislumbravam entre os seus adversários aqueles que possuíam arreios e armas que lhes fossem interessantes e que, durante a disputa, pudessem submeter através da força. A única ressalva para ser feita se refere aos barões, que não deviam ser tão ambiciosos em suas conquistas de bens e adversários, se limitando a evitar serem capturados. Para estes, buscar riquezas em excesso com suas vitórias podia não ser visto como de bom tom. Para os jovens cavaleiros, era um objetivo quase que inevitável.¹³⁵

Essas competições eram uma expressão das dinâmicas econômicas dessa sociedade cavaleiresca. Havia muitos valores envolvidos, não apenas representados através dos prêmios advindos das capturas, mas mesmo com dinheiro propriamente dito, durante todo o seu processo, seu desenrolar. “Uma vasta negociação em torno do dinheiro assim precedia, acompanhava, seguia cada competição”.¹³⁶

Guilherme Marechal parece ser um exemplo típico de jovem que se eleva frente aos seus pares, incluindo-se aí em uma esfera material, através das vitórias em torneios, conquistando riquezas e sendo prodigioso ao dividi-las. Sua vida também nos demonstra que, sendo um bom torneador, era possível que o guerreiro se tornasse objeto de desejo por parte de outras mesnadas, sendo cobiçado pela sua perícia em combate. Assim, além daqueles que capturaria, podia receber como oferta, para participar de uma dessas equipes, um soldo maior do que o atualmente percebido, situação que ocorreu mais de uma vez durante a história do Marechal.¹³⁷

Ramon Llull menciona que quando um cavaleiro é investido na Ordem de Cavalaria, é preciso que seja realizada uma grande comemoração, onde necessariamente precisa ocorrer um torneio entre os convidados. O senhor que armou os escudeiros deve, então, presentear-los. Esses novos cavaleiros, por sua vez, devem então demonstrar a sua generosidade e alegria por ter recebido tamanha honra, presenteando o seu senhor e os demais. Essa largueza, esse hábito

135IDEM. *Ibidem*. P. 139.

136IDEM. *Ibidem*. P. 134.

137BARTHÉLEMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. P. 418-421.

de não medir gastos para presentear os seus iguais e demonstrar o seu sucesso, condiz com o modelo de cavaleiro proposto por Ramon Llull.

Naquele dia deve ser feita grande festa de oferecimento, de convites, justas, e das outras coisas que convêm à festa de Cavalaria. E o senhor que faz cavaleiro deve presentear ao novo cavaleiro e aos outros novos cavaleiros; e o cavaleiro novo deve presentear, naquele dia, porque quem recebe tão grande dom como é a Ordem de Cavalaria, sua Ordem desmente se não dá segundo deve dar.¹³⁸

Situação que não parece ocorrer com a imagem de um guerreiro tão humilde como o de Bernardo de Claraval. Esse momento posterior ao torneio, quando os participantes se reuniam para gastar o que haviam conquistado em festividades diversas, muito provavelmente seria abominado pelo autor. O cavaleiro templário, modelo a ser seguido pela cavalaria do mundo todo, não era o mesmo que desprezava qualquer tipo de distração, repudiava os jogos, os passatempos, as canções pitorescas?¹³⁹ A *Nueva Milicia* não se permite à ociosidade. Quando não está combatendo ou praticando, eles consertam suas armas e seus equipamentos, preparam suas roupas e cozinham o couro para elas, trabalham para o bem comum:

Nunca permanecen ociosos ni andan merodeando curiosamente. Cuando no van en marchas – lo cual es raro –, para no comer su pan ociosamente se ocupan en reparar sus armas o coser sus ropas, arreglan los utensilios viejos, ordenan sus cosas y se dedican a lo que les mande su maestre inmediato o trabajan para el bien común.¹⁴⁰

Poucas coisas parecem ser mais inadequadas para esses homens do que o exercício da largueza, esses gastos para o divertimento, com o único propósito de agradar os seus iguais e demonstrar o seu valor, mesmo o seu poder.

Sendo assim, é possível afirmar que a busca por recursos através do torneio não está restrita apenas às necessidades materiais, ainda que estas ocupem uma importante parcela dos problemas desses jovens cavaleiros. Dentro de suas dinâmicas sociais, largas demonstrações de generosidade parecem ter sido um importante atributo para o cavaleiro que pretendia ser amado pelos demais, que pretendia ocupar um lugar melhor nessa sociedade, ou mesmo conservar a sua posição. Sobretudo nesse ponto, as fontes parecem entrar em conflito. Ramon Llull enfatiza os custos para que um cavaleiro possa se armar e manter a si e aos seus

138LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano. 2000. P. 75.

139SAN BERNARDO. *Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templarios*. In: Obras Completas I. Edição preparada por Los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1983. P. 509.

140IDEM. *Loc. cit.*

apoiadores. Mas, além disso, ele reproduz o costume cavaleiresco de distribuir presentes e exercer a largueza como sendo uma virtude. Vencer em torneios, obter prêmios, cavalos, arreios, seria assim uma atitude moralmente correta para o modelo de cavaleiro que o autor catalão apresenta.

Como tem sido demonstrado nesse trabalho, por outro lado, Bernardo de Claraval parece ser muito mais rigoroso nesse ponto, na medida em que utiliza o modo de vida dos cavaleiros templários como o ideal máximo da cavalaria. Combatentes estoicos, que vivem com o suficiente, apenas, e que jamais desperdiçariam seus ganhos com festas e divertimentos, com atividades que não estão relacionadas à defesa da cristandade. A busca por fortuna acaba se tornando mais uma parcela das dinâmicas dos torneios onde se acentuam as ambiguidades dentro desse longo processo de codificação ética da cavalaria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando os torneios como referencial para a análise proposta, parece ter sido possível observar como o processo de codificação ética da cavalaria foi, em todas as suas dinâmicas, complexo. Não é correto apontar para a Igreja o monopólio do discurso que foi utilizado para justificar o papel da cavalaria dentro da sociedade europeia dos séculos XII e XIII, ainda que ela tenha realizado esforços em concentrar a atenção dessa pequena e média nobreza na cruzada, fundamentalmente. Ao mesmo tempo, não é possível afirmarmos que a cavalaria tenha se apropriado dessa argumentação em sua totalidade, sobretudo a partir de casos como no trabalho de Ramon Llull, para enaltecer seus valores – nem sempre respeitados por eles mesmos – e seu status. Considerando que o processo de codificação ética da cavalaria acabou refletindo essa disputa entre nobreza e clero, ele foi, essencialmente, ambíguo.

Optei por elencar quatro aspectos dos torneios, para que estes fossem confrontados com os dois modelos de cavalaria esboçados por Bernardo de Claraval e Ramon Llull. Partindo da violência desenvolvida nessas competições, foi possível observar como a abordagem de Ramon Llull é mais ampla, reconhecendo que o uso da força seja uma característica que, não apenas marca o papel da cavalaria dentro da sociedade, como é seu fim em si, devendo até mesmo deter o monopólio de seu uso, na medida em que seriam o grupo mais capaz de possuir o discernimento quanto a sua intensidade. O cavaleiro luliano é um defensor da ordem dentro da sociedade, em todas as suas esferas.

O mesmo não ocorre com Bernardo de Claraval, que praticamente restringe esse esforço ao combate contra o inimigo infiel da Terra Santa, na medida em que ele considera que o cavaleiro templário seja o verdadeiro modelo do que se poderia considerar como um cavaleiro ideal. Ramon Llull não nega que este também seja um dos ofícios da cavalaria, mas para Bernardo de Claraval, esse parece ser o único momento em que se pode tirar a vida de um adversário sem incorrer no pecado.

Também foi analisado o lugar das mortes que ocorriam durante as práticas dos torneios. Cabe ressaltar que a periculosidade dessas competições não está definida de forma pacífica pela bibliografia, especialmente se levarmos em consideração o trabalho de Dominique Barthelémy.¹⁴¹ O modelo proposto por Bernardo de Claraval, onde apenas a morte na Cruzada seria considerada legítima, estaria em desacordo com a prática dos torneios na medida em que eles fossem geradores de risco de morte para os seus participantes. O fato de

¹⁴¹BARTHELÉMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

que Ramon Llull entende que estas competições eram um importante espaço para a prática do combate e para o aperfeiçoamento desses guerreiros talvez vá ao encontro do que Barthelémy afirma, quando diz que as mortes não eram próprias dessas atividades.¹⁴²

A partir da segunda metade desse trabalho, discuti o lugar em que se situaria as buscas feitas pelos jovens cavaleiros que participavam dos torneios, buscas essas que eram verdadeiros motivadores, que tornavam essas disputas etapas essenciais do modo de vida cavaleiresco. Mesmo que ambos os autores valorizem a humildade, o que é apresentado por Ramon Llull torna a busca pela fama, através de vitórias, algo que pode ser considerado como relativamente legítimo, desde que respeite esses princípios cristãos, evitando a soberba. Buscar a glória para, assim, conseguir um casamento vantajoso, dificilmente estaria de acordo com a ideia de um cavaleiro celibatário, concentrado unicamente no esforço da cruzada, levando uma vida bastante próxima da dos monges, tal como está representado na obra de Bernardo de Claraval.

Por fim, concentrei-me no papel das intensas dinâmicas econômicas que ocorriam durante os torneios, através das capturas de adversários e, conseqüentemente, na conquista de seus bens, bem como no pagamento de resgates. Nesse ponto a divergência entre os modelos de Bernardo de Claraval e Ramon Llull torna-se bastante evidente, na medida em que o primeiro valoriza o combatente que aderiu ao voto de pobreza, que não apenas evita, como repudia qualquer tipo de luxo, demonstrando sua bravura até mesmo pelo pó que carrega nas roupas. Ramon Llull considera, por outro lado, não apenas legítimo, mas necessário, que o cavaleiro mantenha todos os seus equipamentos em boas condições, de preferência de modo luxuoso, para enaltecer a Ordem de Cavalaria através, também, de sua beleza. O hábito de, ao término dos torneios, ser comum a distribuição de presentes e o gasto do que foi recebido com fartas comemorações, também foi observado. Se para Bernardo de Claraval isso seria um desperdício de recursos que, possivelmente, poderiam ser gastos com a Cruzada, Ramon Llull considera que essas trocas sejam importantes, autênticas demonstrações da generosidade da cavalaria para com os seus iguais.

Ambiguidades que demonstram como, nessa delineação do papel social da cavalaria, podemos observar tanto um clero que tenta se apropriar desse grupo, a partir do momento em que ele se torna importante dentro da sociedade, e mesmo um gerador de turbulências e conflitos, quanto esta própria nobreza que tentava se definir, se legitimar, justificar o seu papel e o seu lugar no mundo.

142IDEM. *Ibidem*. P. 408.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES

LLULL, Ramon. *O Livro da Ordem de Cavalaria*. Trad. de Ricardo da Costa. São Paulo: Giordano. 2000.

SAN BERNARDO. *Libro sobre las glorias de la nueva milicia, a los caballeros templarios*. In: Obras Completas I. Edição preparada por Los Monjes Cistercienses de España. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. 1983

BIBLIOGRAFIA

BARREIRA JUNIOR, Edilson Baltazar. *Imagens da desolação: a morte na Idade Média e sua personificação no filme O Sétimo Selo de Ingmar Bergman*. IN: História, imagem e narrativas. Nº 15, outubro/2012.

BARROS, José D'Assunção. *História Comparada – Um novo modo de fazer História*. IN: Revista de História Comparada, Vol. 1. Nº 1, Jun/2007.

BARTHELÉMY, Dominique. *A Cavalaria – Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Lisboa: Edições 70, 1982.

CARDINI, Franco. *O Guerreiro e o Cavaleiro*. IN: LE GOFF, Jacques (org.). O Homem Medieval. Lisboa: Presença, 1989.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

COSTA, Ricardo da. *Ramon Llull (1235 -1315) e o modelo cavaleiresco ibérico inserido na mentalidade cruzadística*. IN: A Guerra na Idade Média – Um estudo da mentalidade de cruzada na Península Ibérica. Rio de Janeiro: Paratodos, 1998.

_____. *A cavalaria perfeita e as virtudes do bom cavaleiro no Livro da Ordem de Cavalaria (1275), de Ramon Llull*. In: FIDORA, A. e HIGUERA, J. G. (eds.) Ramon Llull caballero de la fe. Cuadernos de Anuário Filosófico - Série de Pensamiento Español. Pamplona: Universidad de Navarra, 2001, p. 13-40. Disponível em: <<http://www.ricardocosta.com/artigo/cavalaria-perfeita-e-virtudes-do-bom-cavaleiro-no-livro-da-ordem-de-cavalaria-1275-de-ramon>>. Acesso em 02.09.2013.

_____. *A Morte e as Representações do Além na Doutrina para Crianças (c.1275) de Ramon Llull*. IN: SANTOS, Franklin Santana (org.). A Arte de Morrer – Visões Plurais – Volume 3. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2010. Disponível em <www.ricardocosta.com/artigo/morte-e-representacoes-do-alem-na-doutrina-para>

crianças-c1275-de-ramon-llull>. Acesso em 28.09.2013.

COSTA, Ricardo da. ZIERER, Adriana. *Os torneios medievais*. IN: Boletín Electrónico de la Sociedad Argentina de Estudios Medievales (SAEMED), año II, n. 3, Abril/Julio de 2008. Disponível em <<http://www.ricardodacosta.com/artigo/os-torneios-medievais>>. Acesso em 02.09.2013.

DEMURGER, Alain. *Os Cavaleiros de Cristo – Templários, Teutônicos, Hospitalários e outras ordens militares na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o imaginário do feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1994.

_____. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Os “moços” na sociedade aristocrática no noroeste da França no século XII*. IN: A Sociedade Cavaleiresca. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *São Bernardo e a Arte Cisterciense*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LABARGE, Margaret Wade. *Viajeros Medievales – Los ricos y los insatisfechos*. Madrid: Editorial Nerea, 2000.

LE GOFF, Jacques. *O Imaginário Medieval*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: EDUSC, 2002. Vol. I

MELLO, José Roberto. *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo: Contexto, 1992.

MORRISON, Cécile. *Cruzadas*. Porto Alegre: L&PM. 2009.

OLIVEIRA, Nuno Villamariz. *O Ideário de São Bernardo e a sua Influência na Arquitetura Militar Templária*. IN: Medievalista on line. IEM - Instituto de Estudos medievais Ano 2, Nº 2, 2006.

PASTOREAU, Michel. *No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REZENDE FILHO, Cyro de Barros. *Guerra e Guerreiros na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1996.

SILVA, Ademir Luiz da. *O ideal cavaleiresco de São Bernardo em A Demanda do Santo Graal*. IN: Mirabilia – Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval. Nº 13, 2011. Disponível em <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/ejemplar?codigo=327507>>. Acesso em 02.09.2013.

VAUCHEZ, André. *A Espiritualidade na Idade Média Ocidental – Séculos VIII e XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. São Paulo: Brasiliense, 1985.